



CADERNO DE LITERATURA

25

EDIÇÃO COMEMORATIVA



AJURIS

Associação dos Juizes
do Rio Grande do Sul

CADERNO DE
LITERATURA

25

EDIÇÃO
COMEMORATIVA

© dos autores

Todos os direitos reservados para AJURIS

Capa, projeto gráfico e diagramação: Imagine Design

Produção: Cristiane Garbini

Impressão: Gráfica Pallotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

C122 Caderno de Literatura da AJURIS nº 25 / organizado por Rute dos Santos Rossato – Porto Alegre : AJURIS, 2016.
136 p.

ISBN 978-85-99620-06-9

1. Literatura brasileira – miscelânea. 2. Literatura sul-rio-grandense – miscelânea. I. Título.

CDU 869.0 (81)-822

CADERNO DE LITERATURA

25

EDIÇÃO
COMEMORATIVA



AJURIS

Associação dos Juizes
do Rio Grande do Sul

PREFÁCIO

Alguém já disse que nós somos o resultado de todas as influências que sofremos desde o nascimento: família, amigos, colegas de trabalho, afetos e, em alguma medida, também desafetos e situações adversas, pois a resiliência é um atributo importante que ajuda a forjar a nossa personalidade. Da mesma forma, os livros, filmes, músicas e manifestações artísticas e culturais exercem um papel importante na nossa formação, a tal ponto que quando formulamos um pensamento, uma manifestação qualquer, quando tomamos uma posição, não raras vezes apenas estamos reproduzindo a opinião de outros, que foi introjetada de forma consciente ou inconscientemente.

Os artistas igualmente não estão livres dessas influências e, por isso, é tão difícil ser original em qualquer área. Um grande artista brasileiro, em um documentário, disse que, em dado momento, pensou que estava plagiando um pássaro. Que ao terminar uma composição, sempre se questionava se era, de fato, sua criação, ou se seria um sopro de alguma memória esquecida. Seja como for, todos os sons, imagens e sensações memorizadas constroem a nossa individualidade e nos tornam únicos. O ser humano não é um produto pronto e acabado. Está sempre crescendo, aprendendo, se construindo. E a arte, no meu entendimento, é a influência que mais pesa nessa construção, porque ela nos humaniza. Entendo que a evolução humana não pode se pautar apenas pela técnica e ciência, mas também pelas influências artísticas e culturais, porque as primeiras transferem o conhecimento acumulado, mas é a cultura que educa, que transforma as pessoas, que, por sua vez, transformam o mundo. A literatura, por seu turno, nos humaniza porque nos ajuda a compreender melhor o mundo e, em última análise, a nós mesmos.

Por tudo isso, é uma honra para mim apresentar a 25ª edição do Caderno de Literatura. Uma história de amor pela literatura que a magistratura gaúcha construiu por meio desse Caderno. Que esse amor cresça a cada nova edição e que nos fortaleça em nossa missão maior de fazer justiça sem perder o encantamento pela arte e pela literatura.

Agradeço imensamente a colaboração dos diretores Adair Filipsen, Afif Simões, Marcia Kern e Rosana Bróglia Garbin, parceiros nessa empreitada encantadora da produção e da divulgação da literatura e a todos os escritores dessa edição. Um agradecimento especial à SICREDI e Joal Teitelbaum pelo patrocínio de mais uma atividade cultural.

Boa leitura.

Rute dos Santos Rossato
vice-presidente Cultural da AJURIS

SUMÁRIO

ADROALDO FURTADO FABRÍCIO	
Ficha _____	12
AFIF JORGE SIMÕES NETO	
Só tu e eu _____	16
BENEDITO FELIPE RAUEN FILHO	
Compêndio de lições de redação _____	20
BRENO BRASIL CUERVO	
Ainda sobre a percepção e a mente coletiva _____	24
CASSIANO RODKA	
Jardim de estátuas _____	30
CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES	
Nossos medos _____	34
O tempo _____	36
Seus olhos _____	38
Tristes horas _____	39
CLAUDIA MORÆS BARTZSCH	
Porto em transe _____	42
GABRIELA RICHINITTI	
Brevíssima odisséia de um raio de sol _____	46
Fazer de mar o meu mundo _____	47
Um leito <i>post mortem</i> _____	48

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON	
O piano vermelho _____	52
ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO	
Uzerma Valuma Sturma _____	56
JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS	
José _____	60
JOSÉ DARCI PEREIRA SOARES	
Para sempre... _____	64
Testamento... _____	65
JOSÉ NEDEL	
Nova Canaã _____	68
KARLA AVELINE DE OLIVEIRA	
Quinta-essência _____	70
LUÍS FRANCISCO FRANCO	
Pedaco de si _____	74
LUIZ ANTÔNIO CORTE REAL	
Espelho meu... _____	78
MAFALDA DOS SANTOS	
Indagações _____	82
Alerta _____	83
MAURÍCIO DA ROSA ÁVILA	
Entre números _____	86
Pedido _____	88

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

Flores _____ 90

Previsões para o próximo ano (E para todos os próximos) _____ 92

MIRELA RAMOS DE OLIVEIRA

Macacos sábios _____ 96

MÔNICA BECKER DAHLEM

Quando nada fizer sentido _____ 100

NEI PIRES MITIDIERO

Gaiozinho _____ 102

Nuvem passageira _____ 105

Sombras da noite de albergado _____ 107

NEWTON LUÍS MEDEIROS FABRÍCIO

A sabedoria dos gregos. A Liberdade. O Mestre. _____ 112

Tosca e rude _____ 115

ROSANE RAMOS DE OLIVEIRA MICHELS

Meio abraço _____ 118

SABRINA NUNES DALBELO

Teoria da relatividade das coisas _____ 122

TÚLIO DE OLIVEIRA MARTINS

Os caminhos do homem cordial _____ 124

CADERNO DE FOTOS _____ 127

The background features a collage of three grayscale images: a sea horizon at the top left, a classical building with arches at the bottom left, and a rocky landscape with trees at the bottom right. These images are partially covered by large, diagonal, semi-transparent geometric shapes in shades of gray and white.

ADROALDO FURTADO FABRÍCIO

Desembargador aposentado, jurista,
advogado e ex-presidente do TJRS.

FICHA

Querida amiga

Atendendo ao teu pedido, após algumas averiguações, passo-te o que pude apurar a respeito daquele meu vizinho pelo qual mostras-te interesse. Não foi fácil; o homem é reservado e discreto demais.

Toda a vizinhança tem dele uma ótima impressão. Que ele é atraente e elegante, já sabes. Sempre gentil e atencioso, embora um tanto frio e distante. A moça que com ele viveu até meses atrás o adora e lamenta amargamente havê-lo perdido. Educadíssimo, dá passagem às senhoras, segura as portas, ajuda a carregar pacotes. Todos o apreciam e respeitam, mas ninguém consegue se aproximar muito. Não paquera as mulheres, não afaga as criancinhas e não concede intimidades.

Se estás pensando o que cheguei a pensar, nada disso. É heterossexual absoluto, desconfio que até um pouco intolerante com os dissidentes. Aliás, não tem muita paciência com o que ele chama ditadura do politicamente correto; embora sempre polido, deixa claro que, se essa for a escolha, prefere ser sincero a ser simpático. Não aprova as cotas raciais na universidade, nem o casamento homossexual. Nem a propaganda de cerveja feita por técnico da seleção, nem exposição de gente nua na via pública. Nunca apareceu em coluna social, nem o deseja; afirma que ela está muito perto da policial. (Sim, é também um pouco irônico, por vezes.)

Nunca foi militante de esquerda, nem quando mais jovem. A sua posição política é um mistério, mas é bem claro que não se ilude com a cantilena dos partidos. Uma das mesárias da seção onde ele vota informou que ele tem faltado a várias eleições. Quando emite alguma opinião nas rodas onde se fala do assunto, o que é raro, é para bater forte na politicalha, como ele se refere ao pessoal do

meio. Consta que recusou algumas posições importantes para não submeter-se ao beija-mão.

É profissional de sucesso, acreditado e prestigiado entre seus pares. Preparado, dedicado e corretíssimo. Mas, fora da comunidade profissional, quase ninguém sabe disso. Ele não se promove, não faz marketing, não corteja a mídia nem busca o convívio de jornalistas, publicitários e que tais. Por opção, não usa redes sociais. Dá-se por satisfeito com o reconhecimento de sua clientela e de seus colegas; a propaganda de seus serviços se faz de boca a boca e ele a tem por suficiente.

Não goza de *une bonne presse*. Apenas para teres uma idéia: em dado episódio relevante, de grande repercussão, que não podia deixar de ser noticiado e do qual participou como figura principal, encontraram modo de fotografar a mesa onde ele se achava com outras três pessoas de um ângulo que o mostrava... de costas. A foto publicada exibia o perfil de dois coadjuvantes, o rosto em foco frontal de um terceiro e a nuca do protagonista, o nosso herói.

Em suma: esquece. Ele não tem o menor futuro.



AFIF JORGE SIMÕES NETO

Juiz de Direito em Santa Maria.

SÓ TU E EU

Tenho contabilizado horas de voo a transportar esta minha fuselagem carnal pra lá e pra cá, desorientado, como quem carrega o filho padecido à procura de um posto de saúde sempre lotado. Com ela, períodos atrás, subia serras que pareciam tocar seus galhos na soleira do céu. Atravessava pequenos rios que ainda davam vau e descia bravas encostas, sem sequer perguntar o que estava achando da travessia.

O meu corpo, quando moço, era pleno de viço e vaidade. Tinha fôlego de maratonista. Braços em incansável préstimo aos outros da mesma espécie, e pernas resolutas a buscar amores desviados de sua rotina vulgar. Uma cabeça que eu não diria lúcida, mas complacente com a turbulência, e um tórax descarnado, muito próprio de quem viveu escondido na timidez.

O meu corpo, quando moço, tinha veias e artérias assemelhadas ao desenho de arroios interioranos, por onde o sangue novo desfilava todo o seu ímpeto de cavaleiro medieval. Nos olhos vívidos, um cenário de primaveras enfloradas, quando a vida ainda era uma paisagem de aurora, musicada pelo riso sinfônico dos canarinhos da terra.

É claro que a gente não envelhece tão depressa assim, entre um jantar e o café da manhã do dia seguinte. Mas tenho notado que o meu corpo já não é mais o mesmo quando se acalma dentro de mim a cada sono que empeça. As constantes viagens estão deixando-o afônico, em dispnéia, embora resista em admitir a chegada da maresia que vai apodrecendo máquina e casco e convés.

A propósito, a linhagem racional à qual pertencço clama não é de hoje por uma CPI contra o Criador. O intento dos meus pares é investigar a fundo a ação omissiva d'Ele, que nada fez para impedir que os dias roubassem descaradamente o nosso tônus muscular,

nosso colágeno, os cabelos e até um pouco da gana de viver, a cada despedida na gare da estação.

Sinto que se aproxima o momento de a carcaça me abandonar, exaurida e febril em razão do sofrimento tirano que lhe impus no verdor dos anos. E na minha opaca lembrança do que serei depois, restarão algumas imagens reveladas pela fotografia esmaecida de um tempo imemorial.

Na partilha dos haveres, não terei mais nada a oferecer-te, oh, Deus, afora estes pedaços meus sobrados do naufrágio.

Tu me fizeste assim, uma inquieta biruta a desviar-se das rotas da ventania, e eu sou, tão somente, um rascunho em papel de pão do que fui quando me era inteiro.

Ah, corpo velho de ternas lembranças, agora sei por que andas arredio comigo, com cara de enfado e uma importuna vontade de quem pensa em se aprontar para o salto mortal. É chegada a hora do retorno ao colo úmido da terra, abrigo virginal e morno de todos os teus iguais de pele, ossos e fadigadas carnes

Varando estradas, em virações sentidas, vai o meu corpo, adulterado e melancólico. Do Arpoador à Sierra Maestra, com cantos vagos, seguimos nós. Bem no final, por entre nuvens ou arre-bóis, só tu e eu...



BENEDITO FELIPE RAUEN FILHO

Juiz de Direito aposentado.

COMPÊNDIO* DE LIÇÕES DE REDAÇÃO

1. Despiciendo empregar estilo de escrita demasiado rebuscado. Conforme deve ser do conhecimento do preclaro leitor, tal prática advém de esmero excessivo, à beira de uma fatuidade narcisista e improficua.
2. Frases com uma só palavra? Corte!
3. Não abuse de citações. Como costumava dizer o meu avô: "Quem cita os outros não tem idéias próprias".
4. Evite abrev., etc....
5. Frases incompletas podem causar algum...
6. A voz passiva deve ser evitada.
7. Procure ser mais ou menos direto.
8. Anule aliteraões altamente abusivas.
9. Analogias são tão inúteis como chifres em galinhas.
10. Quem precisa de perguntas retóricas???
11. Não seja redundante. Não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes, isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma coisa nem reiterando o que já afirmou e reafirmou.
12. Não abuse de exclamações! Seu texto ficará horrível!!!
13. Use pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente parece que ninguém mais sabe usar a interrogação;
14. Não abuse da repetição. Não seja recorrente. A repetição vai fazer com que a palavra seja reiterada.

* A denominação de "compêndio" se justifica pelo fato de que nem todas as recomendações são de minha autoria. Pesquei uma aqui e outra ali, tendo algumas apenas na memória sem lembrar a quem imputar a ideia; construí outras tantas, dando a redação final a cada uma e ao todo.

15. Evite frases exageradamente longas, por dificultarem a compreensão das ideias contidas nelas e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, dessa forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo de leitura, hábito que devemos estimular, principalmente para aprender a usar frases mais curtas.
16. não se esqueça das maiúsculas, como dizia meu professor celso silva lá do colégio paranaense.
17. Cuidado com a hortografia para não estrupar a língua.
18. Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
19. Seja seletivo no uso da gíria, mesmo que seja maneiro, meu. Tá ligado?
20. Nunca use siglas desconhecidas, conforme recomenda a SPBPO.
21. Evite lugares comuns, fuja deles como o diabo foge da cruz.
22. Seja incisivo e coerente, ou, se não puder, talvez seja melhor que não, enfim, pense bem.
23. Exagerar é um pecado um bilhão de vezes mais grave que o excesso de moderação.
24. O uso de parêntese (mesmo quando for relevante) deve ser evitado.
25. Evite mesóclises. Mentalize: mesóclises, evitá-las-ei!
26. Nunca generalize. Generalizar é sempre um erro.
27. Expressões estrangeiras estão "out". Palavras de origem portuguesas estão "in".
28. Embora se diga que "*quod abundat non nocet*", na linguagem jurídica evite o excesso de citações latinas. O uso da língua romana, ainda que "*ad argumentandum tantum*" pode levar a que o texto esteja "*citra petita*" em relação ao que encomendou o editor e, entregue para publicação, não haverá como consertá-lo, pois "*consumatum est*".

29. Cuidado com a redundância e o pleonasmo, tal como fazia o falecido Fagundes que morreu ao sair para fora de casa, ocasião em que teve uma surpresa inesperada sofrendo uma hemorragia de sangue.
30. E principalmente estude a fundo a técnica de redação, evitando manuais e dicas.



BRENO BRASIL CUERVO

Acadêmico de Psicologia.

AINDA SOBRE A PERCEPÇÃO E A MENTE COLETIVA

Uma coisa da qual as pessoas raramente se dão conta é o quanto a sua visão de mundo e seu próprio sistema de crenças (especialmente quando alinhado a uma doutrina em particular) influenciam sensivelmente a sua percepção e, em última análise, a sua própria realidade.

Existe uma teoria, com raízes nas neurociências, segundo a qual o cérebro simplesmente não "registra" (ou elimina) aquilo em que não acreditamos, o que a experiência colhida do cotidiano, não raro, pode confirmar. Às vezes, as coisas estão embaixo de nosso nariz, mas nós simplesmente não as vemos, porque, a rigor, nos recusamos a fazê-lo, ainda que de forma inconsciente. Nesse aspecto, o condicionamento exerce papel crucial (especialmente o condicionamento resultante de nossas crenças enraizadas). Quer dizer, se, por A ou por B, eu não creio (que a coisa está lá), eu não vejo. Se eu não vejo, a coisa não está lá e pronto! Esta parece ser a lógica que anima esse notável decodificador de informações e estímulos que é o cérebro humano.

Ora, é claro que se isso vale para "coisas" materiais e palpáveis, com muito maior razão, vale também para ideias, crenças e tudo aquilo que se tem por transcendental.

As implicações disso são fascinantes. Poderíamos começar nos questionando se há uma realidade fixa ou determinada, uma realidade dada aprioristicamente, esperando solenemente por nossa percepção (a objetividade era uma bela utopia do século XIX, disse-o Juremir Machado da Silva em uma crônica, mas – digo eu – até hoje há quem continue acreditando na possibilidade de uma descrição

objetiva da natureza) ou se, ao contrário, cada indivíduo é responsável em grande medida pela criação de sua realidade ou das realidades de seu próprio mundo, a partir de um sistema de crenças (ou de verdades) e dos pensamentos e sentimentos associados a esse sistema de crenças. A ser correta essa última hipótese, estariam mais bem explicadas as dissensões em geral e os ruídos de comunicação ou, como diz o professor Clóvis de Barros Filho, "as guerras por perspectivas" ou "guerras de percepção".

Exemplo: meu filho não devia ter nascido; é um estorvo na minha vida. A falta de amor resultante desse tipo de crença e a crença em si, de um modo ou de outro, acabam transmitidas e assimiladas pelo inconsciente da criança, que tenderá a reagir à altura, isto é, esforçando-se ao máximo, embora não saiba por quê, para confirmar a crença do pai ou da mãe ou de ambos. Pior: cria-se aí um terrível círculo vicioso, em que o comportamento reforça a crença, que, confirma a percepção, que, a seu turno, realimentam o comportamento e assim por diante.

Por outro lado, a ideia de uma Mente Coletiva, referida em meu último artigo, parece, de fato, ainda mais estranha, tanto à ciência materialista quanto ao senso comum.

Considere-se, no entanto, o seguinte: quando um determinado tipo de percepção atinge uma determinada massa crítica da população humana, essa percepção incorpora-se a uma grande parcela dela (o que, geralmente, está por trás dos diferentes tipos de cultura), de modo que ela passa a sentir, pensar, agir e reagir de forma comum em relação aos mesmos fatos e circunstâncias.

Por essa ótica, parece possível afirmar que a consciência individual do homem é como um peixe nadando no oceano da Mente Coletiva, sendo bastante difícil não se deixar levar por sua influência. Jung referiu-se, em parte, a esse fenômeno quando disse que a resistência à massa organizada só pode ser levada a efeito pelo homem que é tão bem organizado em sua individualidade quanto a própria massa. O próprio Freud, digamos que também tangenciou o fenômeno com sua Psicologia das Massas, particularmente, ao tratar

do que chamou de "Alma Coletiva", termo que tomou emprestado de Le Bon.

Todavia, essa é uma questão que transcende tanto a sociologia quanto a própria psicologia (mesmo a Psicologia das Massas ou de Grupo), estando mais relacionada com a natureza da realidade em geral e da consciência em particular, isto é, com a física de vanguarda.

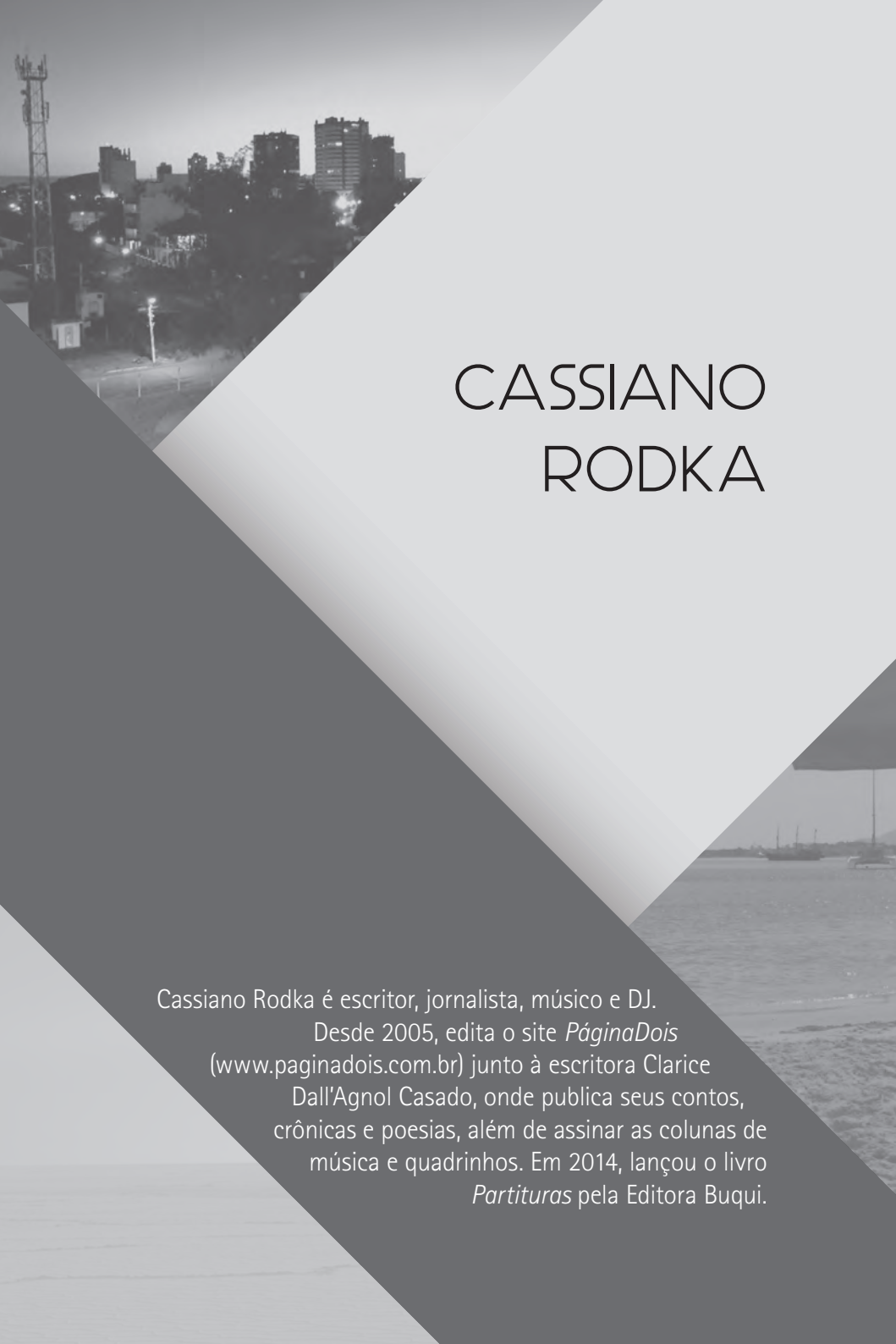
Segundo Capra, "quando desviamos nossa atenção dos objetos macroscópicos para os átomos e as partículas subatômicas, a natureza não nos mostra blocos de construção isolados, mas, em vez disso, aparece uma complexa teia de relações entre as várias partes de um todo unificado". Significa que aquele Universo estático, mecanicista e previsível, sobretudo constituído de objetos sólidos e separados, da física clássica newtoniana, algumas vezes comparado metaforicamente a um imenso relógio, acaba de implodir! Mais correto, talvez, fosse dizer que ele acaba de evaporar.

Em especial, o papel do próprio observador acabou adquirindo notoriedade no âmbito dessa rede dinâmica de padrões inseparáveis de energia, pois, no mundo subatômico, é impossível separá-lo completamente – também ele, o observador ou, se se quiser, a consciência – daquilo que é observado. Fala-se, por isso, na influência do observador sobre a coisa observada ... Bingo!!! Isso explica pelo viés científico muito do que as mentes (ou seriam as percepções?) excessivamente racionais – e, claro, cheias de si – sempre atribuíram à superstição, à ignorância e à credence popular, caso, por exemplo, do chamado "olho gordo".

Tomemos a metáfora do mapa e do território para melhor compreender tudo isso: o mapa são as crenças e a visão de mundo de cada um (ou de determinada coletividade); o território é a realidade última e substancial, que a física quântica apenas começa a desvendar. Entretanto, tendemos a confundir as coisas. Nossas representações mentais da realidade, pessoais ou coletivas, não são a realidade, ao contrário do que muitos supõem. Edgar Morin, o grande pensador da contemporaneidade, chega a dizer que a complexidade do real, de tão complexa, é-nos, em grande parte,

inacessível! Por isso, não poupa críticas à ciência e à educação acadêmica, haja vista as suas verdades estabelecidas e "incontestáveis" sobre o que é a realidade ou sobre como funciona a natureza, a vida, o organismo e a psique humanos.

Mais singelamente (é claro que Edgar Morin não chega até aqui), místicos de todas as ordens e quadrantes sempre sustentaram: somos energia (ou campos de energia) e estamos todos conectados; tudo é consciência em diferentes níveis e manifestações (isso, no tocante ao "território"). Não obstante (quando é o "mapa" que prevalece, como normalmente prevalece), somos o que pensamos e vemos o mundo que somos, não o mundo que é.



CASSIANO RODKA

Cassiano Rodka é escritor, jornalista, músico e DJ.

Desde 2005, edita o site *PáginaDois*
(www.paginadois.com.br) junto à escritora Clarice
Dall'Agnol Casado, onde publica seus contos,
crônicas e poesias, além de assinar as colunas de
música e quadrinhos. Em 2014, lançou o livro
Partituras pela Editora Buquì.

JARDIM DE ESTÁTUAS

Pouco importa o quanto tempo ficamos dentro da casa. Nosso destino ali era mesmo visitar o jardim.

Quando nos libertamos daquele espaço fechado, fomos surpreendidos por uma grande área aberta com diversas estátuas. Havia um círculo de esculturas em tamanho real, homens e mulheres acinzentados, com expressões faciais quase nulas, leves sorrisos nos rostos no que parecia ser uma grande festa. Eu nunca havia visto nada igual.

O jardim era imenso, tomado pelas mais diferentes figuras, todas com muitos detalhes, cada uma em uma posição diferente, um trabalho certamente de anos. As mãos delicadas seguravam taças, bandejas, cornucópias. Algumas figuras estavam nas pontas dos pés, como se estivessem flutuando, em êxtase. Haviam nos falado que era um lugar especial, mas não estávamos preparados para tanta beleza. Entramos em meio ao círculo, observando, estupefatos, a grandeza daquela construção. Uma das mulheres tinha sua cabeça pendendo no ombro de outra, um cansaço ébrio compartilhado. Um homem seminu bebia de um chifre com sua cabeça pendendo para trás para garantir que não sobrasse uma só gota.

A noite colaborava com o espetáculo. O céu exibia nuvens espiraladas, que pareciam ter sido moldadas especialmente para enquadrar as cenas compostas por aqueles seres inanimados. A festa a que eles pertenciam aparentava ser uma grande celebração, e nossas mentes trabalhavam em imaginar a que ou a quem ela era dedicada. Quanto mais andávamos por entre as estátuas, mais éramos tragados para dentro daquele universo. Era possível escutar os sons de suas risadas e o burburinho de várias vozes falando ao mesmo tempo. Aos poucos, fui percebendo a presença de alguns seres mitológicos misturados aos humanos, provavelmente a representação de

deuses. Talvez a festa fosse para eles. Um ser metade homem, metade animal abraçava por trás uma mulher, segurando seu braço em direção a um cálice. Talvez a festa fosse regida por eles. Uma figura feminina com três olhos tinha seus dedos pousados nos ombros de uma mulher sentada com um bebê no colo. Ambas observavam silenciosamente a criança.

Sem dizer nada, minha irmã voltou-se para o caminho que nos devolveria à casa. Minha mãe pegou o meu braço e começamos a caminhar levemente, com um passo hesitante, dissipando com certa dificuldade o que havíamos contemplado naquele cenário.

Senti um movimento à minha esquerda. Outro logo em seguida, alguém correndo por trás de nós dois. Em um susto, vi com clareza um dos homens acinzentados passando apressado entre mim e minha mãe, nos separando por alguns instantes. Logo, várias estátuas ao meu redor botavam-se em disparada em uma mesma direção. Cada uma despertando no seu próprio tempo, mas todas com um desejo atribulado de sair dali. Repentinamente, uma multidão de figuras passava por nós sem grandes cerimônias, quase derrubando quem estivesse parado. O silêncio fora trocado pelo som de seus corpos se movimentando. Não se escutavam vozes, apenas movimento. Seus olhares e suas intenções continuavam incompreensíveis. Minha mãe estava um tanto assustada, mas, ao mesmo tempo, seus olhos brilhavam com um diletante fascínio.

Em meio ao tumulto, um estouro. Uma das esculturas havia tombado. Só então percebi que havia diversas figuras descolando-se de algumas colunas que circundavam o jardim. Gárgulas tentavam alçar voo e despedaçavam-se aos nossos pés. O barulho tornava-se aterrador. Pedacos de pedra se acumulavam ao nosso redor, mas ninguém cessava sua deserção aflita. Não sei dizer por quanto tempo isso se deu, mas a sua interrupção pareceu tão repentina quanto o seu início.

Quando o silêncio tomou conta do jardim novamente, não havia sinal de nenhuma das estátuas. Em um mar de escombros, havia apenas minha mãe, minha irmã e eu. Abraçados, com expressões indecifráveis, em um semicírculo. Estáticos.

The background features a collage of three grayscale images: a calm sea under a cloudy sky in the upper left, a landscape with bare trees and a stone wall in the lower right, and a series of white arches in the bottom left. These images are partially covered by large, dark gray geometric shapes, including a large triangle on the left and a diagonal band crossing the center.

CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES

Advogada e graduanda em Psicologia.

NOSSOS MEDOS

Temos medo de, por distração ou inquietude, deixar a vida escoar efemeramente.

De olhar para trás e, com tristeza ou apatia, lembrar os sonhos abandonados, esquecidos em um tempo que não volta mais.

Temos medo daquilo que não foi, mas nos assombra com um "talvez".

O medo de não ter provado o gosto do desgosto, ou que nos aqueceria de prazer.

Temos medo de perder nossas conquistas, de experimentar o amargor de mais uma partida.

Temos medo de ir adiante quando a vida nos convoca a sopesar cada passo.

Nos sentimos desnudos quando a ânsia de querer nos é sufocada.

Medos dos medos, que avançam nas horas incertas, e que vêm e que vão como as ondas de um mar profundo, num balanço interminável.

Medos que, num torvelinho de emoções, se acendem e se apagam, tais qual a chama teimosa de uma vela atormentada por insistentes sopros.

São medos quietos que na penumbra atravessam nosso peito como a mais fatal das espadas, encharcando-nos de silenciosas dores.

E seguimos atravessando os rios da vida em botes muito frágeis, buscando compreender esses desastinos.

Nossos medos vêm de um tempo longínquo, quando perambulávamos descalços pelos jardins da infância, quando a escuridão nos assombrava com seus tentáculos vigilantes, e o abandono nos afligia... Quando bichos e suas histórias molestavam os olhos do nosso imaginário.

Nossos medos são desde sempre, e sempre nos perseguirão... Tememos perder os nossos referenciais, a nossa saúde, nosso labor,

nossos pertences, o conforto de um doce e aconchegante lar... E o que dizer dos amigos? Daqueles com quem estreitamos laços em abraços sem fim...

Ah! Mas nenhum medo dilacera tanto quanto o de perder um grande amor, a alma irmã cuja caminhada funde-se à nossa, que enche de doçura a nossa existência, embala de esperança e cor os nossos dias e perfuma de carinho nossos anseios...

Nossos medos! Ah! Nossos medos pulsam teimosamente, nos espreitam nas mais inconvenientes horas, desacomodam-nos para lembrar e relembrar de que a vida, a nossa vida, essa dádiva tão pungente, pede URGÊNCIA.

O TEMPO

Vive-se assim... vivendo...
Assim meio correndo...
Assim meio vivendo...

Nas alamedas e escadarias frias,
entre subidas e descidas,
o tempo segue esquecido...

Amanhecemos e adormecemos,
e o sol tímido vai sumindo
e reacendendo,
entre nuvens quietas...

A tarde cai e nem percebemos,
perdidos que estamos
nas alamedas íngremes do pensamento...

Telefones tocam,
pessoas passam,
rios correm,
e ninguém vê...

De repente uma sirene,
um chamado,
uma voz,
tudo parece longínquo...
Deixa para lá...

E o tempo,
esse algoz sorrateiro,
volta e meia nos inquieta,
convidando para o sossego...

Mas já não podemos...
Porque vivemos assim... vivendo...
Na ligeireza das horas
que roubam de nós,
nós mesmos...

SEUS OLHOS

Estes olhos inquietos,
às vezes tristes, às vezes faceiros,
buscam impacientes respostas que não chegam,
e, no aconchego das horas navegam em si mesmos...

Estes olhos inquietos,
às vezes tristes, às vezes faceiros,
saltitam de um lado para outro
na tentativa de encontrar a luz dos olhos dela...
Como succulentas jabuticabas negras e doces,
perambulam atrevidos pelo infinito.

Onde estará aquela que lhes desperta dos sonhos,
do solo das incertezas?
Ah! Como são intensos quando escorregam
distráídos nas alamedas do amor!

TRISTES HORAS

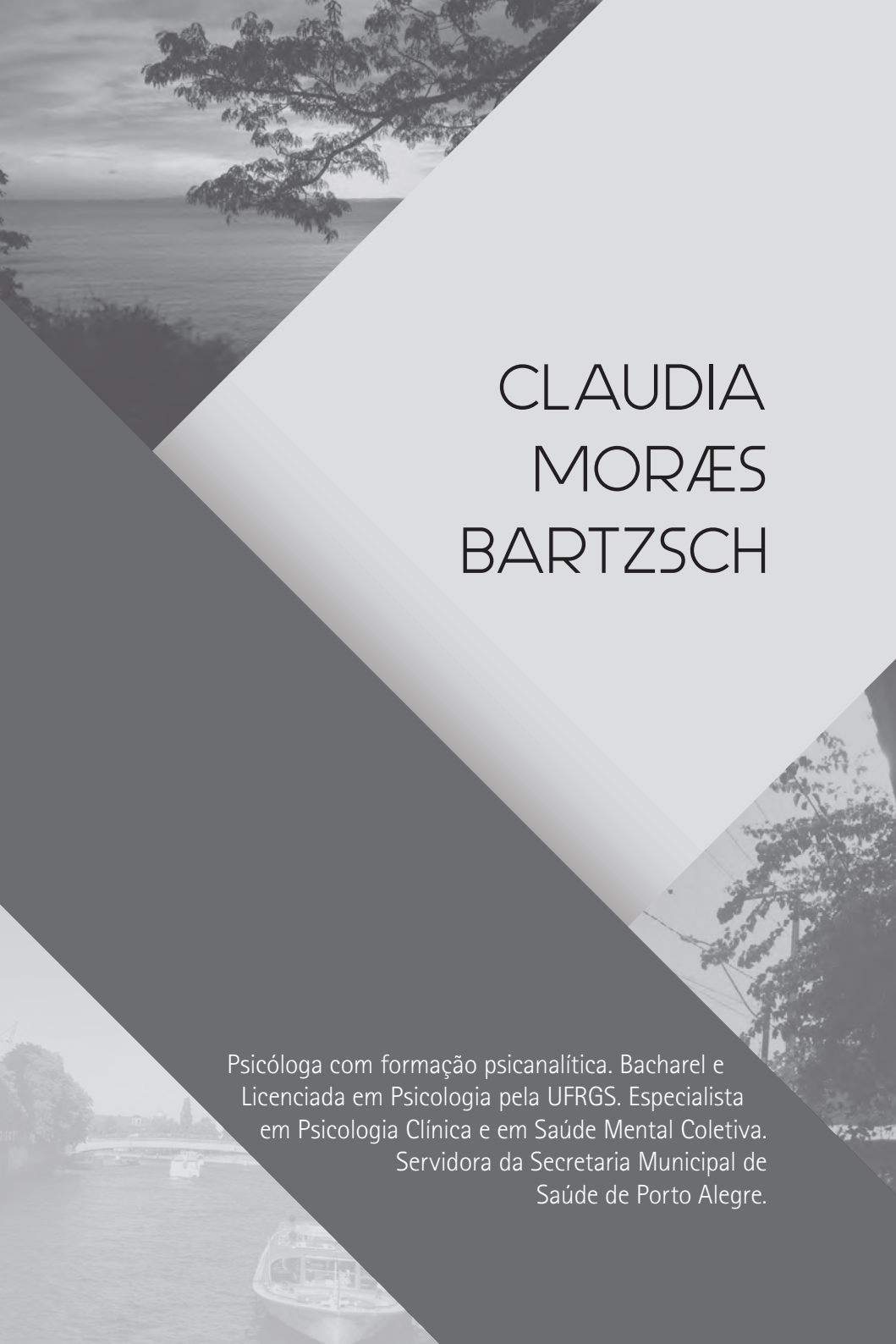
Tristes horas aquelas
que aprofundaram velhas chagas.
Que revisitaram os recônditos escuros
de um tempo de dor.
Momentos onde a solidão ocupava todos os cômodos
e se arvorava em sombrias apatias.

Onde, perdidos, os pensamentos circulavam calados,
Incitando lágrimas quentes e sôfregas,
que já não podiam ser disfarçadas,
que se rompiam como diques exaustos,
espargindo seus agitados excessos.

Horas tristes de descobertas,
de incertezas cruéis,
que reviraram surrados pensamentos negados pelo amor.
O amor! Sim, o amor! Essa cegueira bondosa
que acalenta horas de doçura e,
ao mesmo tempo,
nos devassa com ingratas surpresas,
desacomodando sonhos,
lançando duvidosas alegrias.

Horas que não se apagam,
que emergem desavisadamente
dos labirintos íngremes que habitam em nós,
clamando por razões,
buscando respostas que nunca virão...
Não importa então... Um dia se vão...

No universo dos versos,
onde moram os encantos,
poetizam-se horas... até as mais tristes,
que nos alertam para a LUZ
que nunca jaz,
que mora no infinito da nossa alma e que,
por vezes,
desabrocha quieta em um novo tempo...



CLAUDIA MORÆS BARTZSCH

Psicóloga com formação psicanalítica. Bacharel e
Licenciada em Psicologia pela UFRGS. Especialista
em Psicologia Clínica e em Saúde Mental Coletiva.
Servidora da Secretaria Municipal de
Saúde de Porto Alegre.

PORTO EM TRANSE

29 de janeiro de 2016: a tempestade
deságua inclemente sobre a cidade.
No dia seguinte, a intensidade
de sua força assombra e surpreende.

Um cenário de guerra se revela:
árvores foram abatidas aos milhares.
Cadáveres vegetais e galhos amputados
entopem bueiros, obstruem as ruas e desfiguram a paisagem...

Plantas mutiladas, troncos enviesados
e raízes expostas se veem por todos os lados.
Apenas tocos restarão no lugar das árvores,
algumas majestosas, que terão de ser cortadas.

Clareiras abertas nos parques,
canteiros incompletos nos jardins e ausências nas aleias
deixarão uma incômoda sensação de vazio...
O Porto desalegra.

Leva dias, leva semanas, leva meses, levará anos
para retirar as marcas da tormenta
que, em poucas horas, fez ruir seres
que tanto tempo levaram para crescer.

E é impossível apagá-las de todo.

Se os cadáveres tivessem sido humanos,
se teria demorado tanto para removê-los?

Quanto vale a vida de uma árvore?
Quanto vale a vida de uma pessoa?

Nos meses seguintes, outro tormento se abate sobre a cidade:
o aumento da violência e da falta de segurança pública.

Mais seres humanos roubam seres humanos.
Mais seres humanos estupram seres humanos.
Mais seres humanos matam seres humanos.

O Porto está inseguro, mas, mesmo com medo,
é preciso continuar a viver e a acreditar em algo.
As crianças querem sair para brincar; os cidadãos desejam seguir
estudando e trabalhando, encontrando e amando outras pessoas.

A natureza se restaura: lentas e tímidas,
folhas começam a brotar nos tocos; novos galhos surgem
[nos troncos.
Canteiros e jardins são refeitos; delgadas mudas de árvores
[são plantadas
e, com o tempo, poderão ficar tão altas quanto as que
[foram tombadas.

O Porto se alegra! Apesar das quedas,
a vida se levanta, a vida resiste, a vida INSISTE!



GABRIELA RICHINITTI

Nasceu em 1993 e é natural de Lajeado. Atualmente estuda direito na UFRGS e cursa a Oficina de Criação Literária da PUCRS, ministrada pelo professor Luiz Antonio de Assis Brasil.

BREVÍSSIMA ODISSEIA DE UM RAIOS DE SOL

Nasce do dissolver-se da neblina
e ainda tímido perpassa
uma vidraça.
Em pueril gracejo, ilumina
um tanto de poeira contida no ar.
Insolente, vai transitar
sobre a retina
da moça que à janela fuma.
Cevado de sol, se avoluma
e tece uma conexão estreita
entre sol, mulher e pó;
mas, persianas descidas, ela o rejeita
por querer fumar só.

FAZER DE MAR O MEU MUNDO

Muito sofri por não saber quem era;
Hoje estou convicta de que sou um barco.
Havia mar, líquido azul de quimera,
A naufragar sempre o engenho parco.

Hoje sei melhor – e velejo
Menos nas correntes de dor e desejo
Que me engolfavam – às vezes sem volta
Em marés de desespero e revolta.

Por saber-me barco é que me iço
Às coisas humanas – e já me despeço;
Viajo-me pelo desamor ao compromisso,
Até mesmo ancorar seria um excesso.

Atrás da rebentação – onde descansa
O tecido azul da miragem –
É que empresto da obstinada viagem
Um pouco de deriva mansa.

Sem bússola ou destino, nunca chego.
Evito gelos, rochas, não afundo;
Percorro a perder-me em tédio, sossego,
Neste fazer de mar o meu mundo.

UM LEITO *POST MORTEM*

Com a navalha rente ao pulso, ela encomenda o próprio corpo.

Na palma da mão, a lâmina freme. Ela hesita, sentindo o pulso cardíaco que perpassa o metal gelado. No limiar de abrir o corte, experimenta uma certa agonia ao perceber as veias latejando azuis sob uma pele tão fina.

Deus e o diabo debatem – sentados num banco com estofado de nuvem – quem vai ficar com ela. Quem vai ficar com ela?

Pois o suicídio, diz deus, não é bom uso do arbítrio conferido aos homens. Por analogia, às mulheres se aplica o mesmo. Aos filhos e filhas de deus não se faculta o exaurimento autoimposto da existência.

Mas o diabo diz: matou-se, sim, é verdade... mas por razões excelentes! As razões eram todas excelentes! Nobres fastios com a brutalidade deste mundo abandonado por deus, horrível e infeliz. Só podia mesmo terminar matando-se, a delicada! Tão boazinha, tão sensível e bendita, nem carne comia! Aqui não vem.

Deus aponta uma sucessão de desvios imperdoáveis, que contrariam vários artigos e incisos da Lei Divina. Pois parece mesmo que este cadáver, em vida, nadou na contracorrente de todos os desígnios prescritos às boas moçoilas.

O diabo retruca: deus, veja bem, foi tudo por amor. Amor puríssimo.

Deus diz: não é samaritana.

O diabo diz: nem pecadora!

Os dois se olham. Gargalham. Adoram quando isto acontece.

Vá você, diz o diabo.

Eu não, diz deus. Tenho os joelhos reumáticos, vá você.

Veja bem, diz o diabo. Vá você, que vai com deus.

Vá para o diabo, diz deus.

No fim, tiram a sorte no palitinho. Como o diabo rouba, deus é quem vai.

Telefonam para Darwin.

Alô, Charles, diz deus, mal conseguindo se fazer ouvir no burburinho do reino de Galápagos, onde ferve a batalha pela sobrevivência *post mortem*. O homem é o lobo do homem! – ouve-se Hobbes urrando enquanto disputa uma coxinha de frango com Dom Pedro II e outras personalidades avessas aos maniqueísmos do céu e do inferno.

Eu não estou dando conta, diz Charles, meu deus, não estou dando conta. Era melhor quando eu cuidava as tartarugas. Não mande mais ninguém para cá, eu rogo ao senhor.

Deus expõe o impasse; esta é suicida, não vai lutar pela sobrevivência, argumenta. Então o lugar dela não é aqui, diz Darwin; sem brio, não dura um dia na seleção natural. Talvez vocês queiram conversar com Durkheim...? Ele escreveu uma monografia a respeito.

Não, por favor, diz deus. Sem teorias. O caso é urgente, precisa de prática. Será que você poderia me passar o número de Freud? Quem sabe ele a convence a não dar cabo à vida. Ao menos enquanto não encontramos um leito disponível em qualquer parte.

Deus... diz Darwin. Não vá me arranjar mais problemas. Você sabe o que Freud pensa do senhor.



GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Desembargadora do TJRS, Coordenadora do
Núcleo de Estudos de Mediação da Escola
Superior da Magistratura.

O PIANO VERMELHO

Os dedos deslizam pelo teclado e o som terno do piano ressoa pela sala vazia. Lá fora, um sol tímido faz questão de lançar seu olhar intrometido naquele momento tão íntimo. O toque nas teclas podem trazer diferentes sentimentos, mas exige entrega total, pois elas não atendem dedos medrosos e tímidos.

O movimento doce, *andante cantabile*, da sinfonia faz lembrar as lágrimas da velha senhora que pedia, reiteradamente, que tocasse aquela música, pois lhe parecia que desciam anjos e ela sentia vontade de chorar. Que esquisito... Ouvir para chorar? Os anos passaram e, hoje, se entende que, algumas vezes, precisamos de algum motivo para deixar as lágrimas rolares, nem por tristeza ou alegria, talvez, por saudade.

Mas não era apenas o sol a se intrometer, pois a menina de tranças, sem que ninguém percebesse, decidiu fazer parte daquele momento. Sorrindo sentou-se junto ao piano, no chão, somente para ouvir e sorrir. Aquele instrumento enorme lhe causava espanto, mas o som a encantava. Como será que as pessoas entendiam aqueles tracinhos, bolinhas e risquinhos escritos geralmente num papel manuseado, riscado? Mas o encanto vinha de longe.

Era noite de Natal, tudo parecia à pequena demasiadamente grande, mágico, encantado. Olhava peixes que iam e vinham num aquário de parede. Que fantástico. Enormes poltronas de veludo cinza faziam questão de mostrar sua imponência, afastando qualquer propósito de qualquer criança se aproximar para sentar. Talvez por isso a criançada brincasse no chão, falando com bonecas imaginárias e movimentando barquinhos feitos de papel.

O som do relógio cuco e o alvoroço dos adultos faziam crer que algo estava por acontecer. Batidas na porta e todos se voltaram para ver o que era. Uma sineta meio engraçada era o instrumento de

um Papai Noel meio desengonçado, mas que se esforçava para fazer graça à gurizada que esperava um velho gorducho e com uma sacola bem cheia de presentes. Mas ele trazia presentes sim. Foi entregando a cada um o que parecia ser o prêmio pelo bom comportamento da gurizada. Volta-se para a menina que se mantivera apenas a observar aquele estranho Papai Noel. Ele abaixou-se e, passando-lhe o pacote, soltou mais uma vez: "Oh! Oh! Oh! Feliz Natal". Tinham dito a ela que Papai Noel não existia e, portanto, só ganharia aquilo que seria possível ser comprado. Logo, receberia, com carinho, algo das mãos de seus pais e não do Papai Noel.

O pacote dado querer abrir-se e dizer-lhe: "Olha, menina, estou aqui". Timidamente, ela pegou o grande presente, quase maior que ela. Abriu com cuidado. Pouco a pouco, começou a aparecer uma madeira vermelha. O que seria? A paciência não durou muito tempo e ela decidiu acabar com o mistério e rasgou o que restava embrulhado. Era um lindo piano vermelho. Sorria e olhava... Não esperava que receberia aquilo logo de um Papai Noel em quem não acreditava. Agradeceu, sorriu, pulou de alegria, sem antes dar uma piscadela e um longo abraço em seus pais.

O piano vermelho... o primeiro a se entregar nas mãos da menina que ainda senta ao lado do piano da sala, revivendo aquele momento mágico de encanto.

A peça termina, a partitura é guardada, uma lágrima teima em cair. Continua o som no ar, o sol decide se esconder e deixar a sala na sua intimidade e doce descansar.



ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

Desembargador do Tribunal de Justiça do RS.
Membro nato do Conselho Deliberativo da Ajuris.

UZERMA VALUMA STURMA

Os olhares para com ele eram de curiosidade, de vez que deixava transparecer uma boa aura, embora por vezes reservado. Tinha seu dia a dia repleto de atividades lúdicas, que iam desde a música até o esporte.

Não se deixava influenciar negativamente pelos demais, retribuindo afeto com afeto, sem deixar de considerar aqueles mais arredios à sociabilidade. Era dele sempre a iniciativa do cumprimento, da mão estendida, do abraço.

A curiosidade dos demais era também despertada por uma expressão por ele usada quando se defrontava com uma situação de injustiça, mormente quando tal pontualmente o incomodava. Antecedida de um suspiro, dizia com boa pronúncia: "uzerma valuma sturma". Os que tinham contato mais próximo perceberam que tal expressão também era dita por ele quando se manifestava, em uma roda normal de conversa, e alguém dava conta de alguma angústia ou dificuldade momentânea.

Como desde pequeno usava tal expressão, os amigos assim o saudavam, sem tom pejorativo, mas como uma espécie de senha de uma confraria que só poucos entendiam. Ele tinha amigos sim, na verdadeira acepção do termo, que não se importavam com suas dificuldades cognitivas, passando juntos bons momentos, com boas risadas, admirando a presteza que ele demonstrava em proporcionar alegria aos amigos.

O tempo voou e cada um tomou seu rumo, como sói acontecer. Ele permaneceu no mesmo lugar, sem constituir família, mas com os mesmos hábitos de sempre. Os amigos faziam contatos esporádicos, mas impactantes, ávidos por notícias dele, que as dava com a costu-

meira fidalguia aos leais amigos, que continuavam não se importando com suas limitações, ao contrário, mais admirados ainda com aquela aura que nele gravitava. Com paciência ouvia os lamentos dos amigos que, agora todos adultos, tinham em relação à vida, à profissão, às esposas, aos filhos, etc. Atender aos amigos fazia bem a ambos os lados.

Em vôos mais longos, o tempo fez com que a neve dos anos se abatesse sobre a cabeça de todos, dele e dos amigos. Em determinado momento não era só a limitação cognitiva que se sobressaía nele, mas a do corpo em responder às necessidades da vida. Não quis incomodar os amigos com más notícias, mas quando não era mais possível esconder, a informação chegou aos ouvidos deles que, de pronto, foram ter com ele.

Na meninice tinham por hábito ir até um bosque próximo onde, ao chegarem, anunciavam-se com a expressão aquela. À pedido dele, até lá foram de novo. Emocionados, recordaram-se de pronto das aventuras vividas naquele esconderijo, longe dos olhos adultos, onde poderiam ser o que quisessem, desde astronautas até piratas. Lá ainda estava aquela velha árvore com seu tronco que parecia uma cadeira, onde o rei ou comandante do momento sentava e ditava ordens de como seria a próxima aventura.

Naquele instante ele foi o natural rei ou comandante, pelo que sentou na tosca cadeira. Os amigos em volta já pressentiam que ele tinha outro propósito para aquela reunião. Com olhos vermelhos e aflitos o fitavam. Sem nada dizer, fez o que costumava fazer infinitas vezes, levantando-se e abraçando demoradamente cada um deles, transmitindo toda aquela carga de afeto de que era municiado.

Fez-se um silêncio sepulcral. Comandados por ele, colocaram todos a mão direita em forma de garra no coração e bradaram com todo o entusiasmo a expressão que marcou suas vidas: "uzerma valuma sturma".

Um som tonitruante ecoou do céu, deixando boquiabertos os amigos. Algo voador pairava sobre suas cabeças. Abriu-se uma porta e o rei e comandante de então para ela foi sugado lentamente, até se fechar e sumir pelo infinito azul.

Sem nada dizer por alguns minutos, ali ficaram os amigos, apenas olhando para o nada. Abraçaram-se todos e choraram. Depois, cada qual em seu espaço familiar, começou a repensar a vida, cada momento, desde a infância. Concluíram, sem pestanejar, que restava evidente que o amigo de todos só poderia pertencer a um outro lugar além das estrelas, já que absolutamente diferenciado era, e que aqui esteve com algum propósito, nem que fosse simplesmente fazer todos em sua volta, em especial os amigos, felizes com seu afeto espontâneo.

A cada ano, naquela mesma data, reúnem-se no bosque, não só para homenagear o amigo, mas na esperança de que, com o gesto e a expressão aquela, feito e bradada com fé, consigam chamá-lo de volta.

Nota do autor: com este texto homenagem todas as pessoas diferenciadas, em especial aquela que tenho em minha casa.

The background features a collage of three grayscale images: a sea at the top left, a building with arches at the bottom left, and a tree at the bottom right. These images are partially covered by large, dark gray geometric shapes, including a large triangle on the left and a diagonal band crossing the center.

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORCIS

Desembargador aposentado. Diretor do Memorial
do Judiciário do RS e professor da ESM.

JOSÉ

José.

Era o nome dele. Fora vizinho de minha família, seu pai dono de quitanda defronte onde a gente morava. Perto do centro.

Lembro a pessoa alegre, afável. O sorriso pontual. Atencioso ao anotar os pedidos de verduras e frutas. Cedo, quando se abria a janela, lá estava com cuia e chaleira agachado no portal.

Escrevia as despesas com um toco de lápis num caderno surrado; sempre uma palavra de respeito; o tempo; a chuva; a lua vigente. E, noitinha, fechava as portas, as chaves num molho.

Depois de passar pela casa da mãe, beijo diário, rumava ao boteco da vila, a turma do carteadado, a cachaça; e o pacato José se transfigurava, soube-se depois, a placidez mudada em violência, a calma em valentia. Olhos injetados de sangue. Bravo, incontido.

Também se descobriu que José venerava facas, era capaz de descrevê-las como um perito, usava um punhal escondido na roupa. Conhecia a liturgia das adagas. Talvez fruto do tempo em que trabalhava na desossa do frigorífico, o estilete recortando a carne indefesa.

Pois certa madrugada, ainda advogado aprendiz de solitárias causas, acordo, são parentes do quitandeiro, José metera-se em confusão, não aceitara desaforo do cancã da zona, um cara de maus bofes, com algumas mortes; e achavam que o tinha imolado.

José.

Apressado, vou ao local onde se escondia; a roupa rasgada pelos golpes do adversário, manchas vermelhas, lutaram resvalando pelas colinas da Vila dos Corvos; e José, sempre respeitoso e sem desapegar a jovialidade conta sobre as dezesseis avenidas que inaugurou no corpo do outro. Aceito o litígio. Ainda de manhã o levo à delegacia para depor. E fica preso.

Acontece o processo; as testemunhas do fato narram o evento, uma briga de leões, a vítima era conhecida por sua bravata, mereceu morrer, agora vai haver mais paz, pobre José, um cara bom.

Algum tempo depois marcam o júri, José era um pacífico presidiário que só se iluminava quando aparecia hóspede recolhido por enfiar o cabo do cutilo na alma alheia.

Chega o julgamento, esquemas de defesa (primeiro, o caráter amistoso do acusado, benquistado nas redondezas; depois, a ficha do ofendido, figura constante em delitos, abusado e provocador, um mau elemento); as frases dançam lépidas, parecem convencer.

E as dezesseis facadas? Isso tinha explicação, as partes rolaram abraçadas e se afeiçoavam aos estoques, daí os ferimentos, a roupa amarfanhada.

A mocidade do defensor e a crença em sua dialética jurídica (vaidade?) desviam-no da estratégia aconselhada: a tese do excesso culposos, uma pena branda e logo a liberdade.

Mas não: insiste na legítima defesa própria, matou para não morrer, não impressionem os cortes, apenas repeliu injusta agressão com os meios disponíveis, assim qualquer pessoa procederia, o jurado deve se colocar no papel do agredido.

Vãs esperanças, discurso surdo: José é condenado a tantos anos quantas brechas abriu.

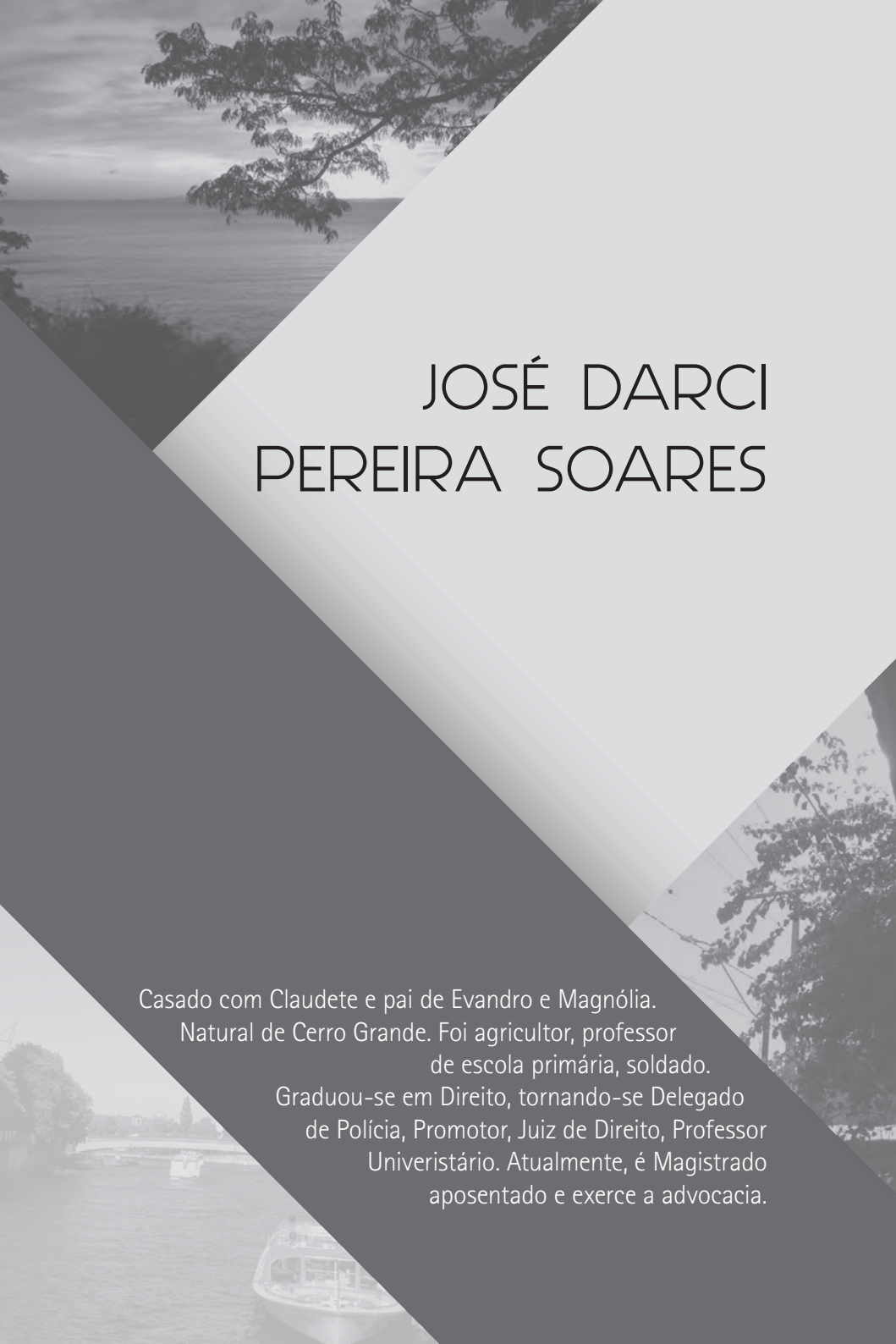
Ditada a sentença, ainda na mesa da defesa, em meio aos livros e papéis, o advogado, cabisbaixo, mastiga sua inexperiência e orgulho: o réu na cadeia próxima.

De repente José se levanta e rodeia a bancada do profissional, que de soslaio aguarda o pior (insulto, hostilidade, ataque?), e se aproxima pelas costas.

Indefeso, permito que me soerga, quando de modo surpreendente e riso aberto me consola: "- Boa, doutor, é isso aí!". E, mudos, nos quedamos abraçados.

Nunca deixei de visitá-lo na cadeia e escutar suas lições sobre facas.

José.



JOSÉ DARCI PEREIRA SOARES

Casado com Claudete e pai de Evandro e Magnólia.

Natural de Cerro Grande. Foi agricultor, professor
de escola primária, soldado.

Graduou-se em Direito, tornando-se Delegado
de Polícia, Promotor, Juiz de Direito, Professor
Univeristário. Atualmente, é Magistrado
aposentado e exerce a advocacia.

PARA SEMPRE...

Num tempo muito antigo brincamos de mãos dadas
correndo pelas colinas e sangas de águas claras
onde peixinhos inquietos reluziam como prata e ouro.

Veio a noite do tempo e essas memórias
foram guardadas no seio das fadas.
Nossos sonhos noutros Édens enevoaram as colinas,
as sangas, mas nossos sonhos, teimosos,
ficaram de viagem para o infinito.

Acordamos, sedentos, noutras paisagens
e já não sabíamos que brincamos juntos,
mas as fadas, generosas, disseram: vocês têm uma história.
Ela precisa ser completada. Peguem estas caixas de alegria,
carinho e cuidado. Podem colorir como quiserem,
mas a história é uma só: desde sempre e para sempre!

TESTAMENTO...

Vida... vida enigmática
Alguns santos foram libertinos
Nem por isso menos santos
O passado é a cinza quente do hoje e do amanhã,
E se não podemos apagar as teimosas brasas
Podemos mantê-las adormecidas.

Vida... vida de paz e calma
Mesmo assim, como os oceanos
Podendo trazer sombras nas profundezas
Até que o mergulhador ou o acaso
Tragam à tona seres assustadores.

Vida... vida que recomeça
Sim, porque se não se poder recuar
Para um novo recomeço
Pode-se recomeçar buscando um novo fim
Em que o oceano seja transparente
E se mostre por inteiro,
Belo, apesar das tempestades que lhe turvam fugazmente.

Vida... vida de esperanças
Porque no âmago do ser há a semente do bem
O que mais importa é a fé num novo rumo
Porque nas sendas da mesma vida,
Podemos passar sem ver as flores do caminho

Vida... vida da minha vida
Que dores imorredouras as daqueles

Que distraídos ou sem consciência
Não percebem o bem que lhes bafeja
Aquele anjo que te acompanha
No hoje, no ontem, quiçá, na eternidade
Mas sempre é hora de despertar

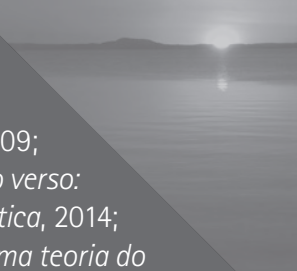
Vida... vida da paz profunda e duradoura
Por quê? Porque mereces muito mais que isso
Quero ser o eterno vigilante dos meus passos
Para que o amanhã seja suave como a brisa da Toscana
Isto não é um propósito ligeiro
Isto é o meu testamento!



JOSÉ NEDEL

Formado em Letras Clássicas,
Filosofia e Direito, Mestre e
Doutor em Filosofia. Juiz de Direito
e professor. Autor de muitos artigos em
jornais, revistas, obras de autoria coletiva,
bem como de mais de uma dezena de livros,
entre os quais estes, os últimos:

A curvatura da razão: poemas, 2. ed., 2009;
A vez do verso: sonetos, 2011; *A vez do verso:
quadras*, 2012; *Ensaio de filosofia prática*, 2014;
Ensaio antropológico, 2014; *Uma teoria do
conhecimento*, 2015; *Última floresta: sonetos*,
2015; *Quadras em metro*, 2016.



NOVA CANAÃ

A ordem "sai da tua terra"* soa
Aos meus ouvidos plenamente atentos
Como temível, não mais neutra ou boa:
Prenuncia-me críticos momentos.

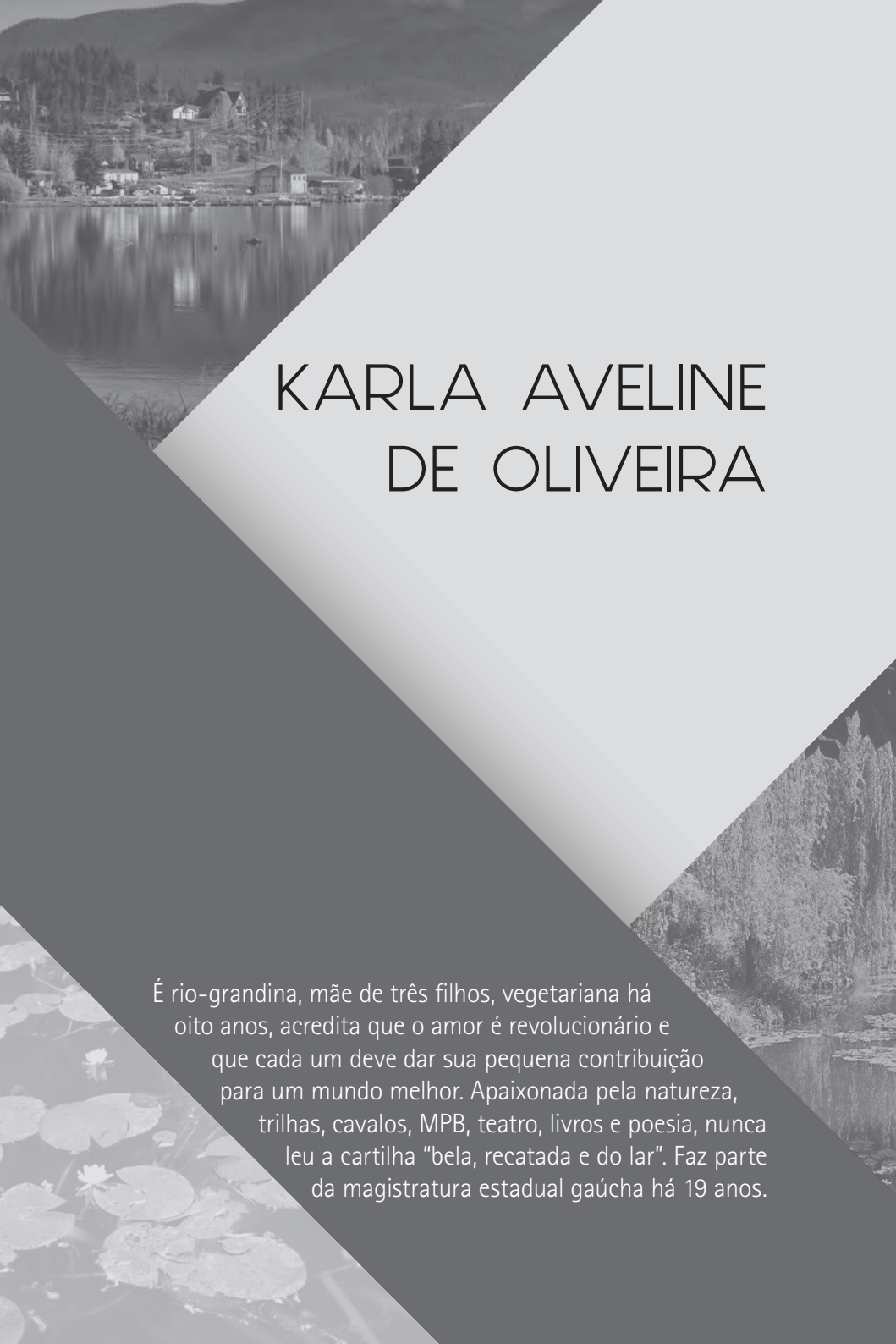
O elã de aqui ficar se me esboroa.
De nada valem choros ou lamentos.
Amo a terra em que a dura voz atroa,
Mesmo por raios fustigada e ventos.

Essa ordem me transforma em retirante
Para um lugar ignoto e bem distante.
Lá aportarei sem mais, quiçá amanhã.

Que ermo não seja o sítio, nem escuro,
Ou sem expectativa de futuro.
Só me basta uma nova Canaã**.

* "Ora disse o Senhor a Abrahão: Sai da tua terra..." (Gn 12, 1). Segundo o Papa Francisco, a morte pode ser vivenciada como "o último 'sai da tua terra!..'" (*Lumen fidei*, 2013, n. 56).

** "Darei a ti [Abrahão] e à tua posteridade ... toda a terra de Canaã" (Gn 17, 8).



KARLA AVELINE DE OLIVEIRA

É rio-grandina, mãe de três filhos, vegetariana há oito anos, acredita que o amor é revolucionário e que cada um deve dar sua pequena contribuição para um mundo melhor. Apaixonada pela natureza, trilhas, cavalos, MPB, teatro, livros e poesia, nunca leu a cartilha "bela, recatada e do lar". Faz parte da magistratura estadual gaúcha há 19 anos.

QUINTA-ESSÊNCIA



Uns escutam falar, eu tive a felicidade de conviver.

Me refiro a um anjo que transita entre dois mundos levando consigo o sorriso franco, sincero e inocente. Ele é quem cuida com ardor das rosas mais dengosas, poda as hortênsias antes do esplendor do verão, guarda os jardins com alegria na alma e faz as sombras deitarem com malícia quando guia as elegantes trepadeiras por cercas e gazebos.

Com essas mesmas mãos, alivia a dor do cão que comeu o porco-espinho, derruba podres árvores, abre açudes, racha lenha e, contagiado pelas cores, julgando ser Dalí, pinta casas e muros. Também faz benzedura e cura cobreiro. Cede uma palavra amiga, conta um causo, diz quem nasceu ou morreu, fala da vizinha fofqueira, comenta do nó nas tripas que fulminou com o cavalo do velho da esquina, relembra da megassena que quase saiu pra viúva mãe de cinco filhos.

Pilota a vida como quem anda de foguete, faz as coisas acontecerem com precisão; sabe esperar o tempo da chuva e se resigna com a estiagem que castiga a pradaria. Ama a geada e o frio assim como se

compraz com o calor escaldante e a febre das tardes quentes e úmidas de Itaara. Pedala sua velha bicicleta pelo centro, sobe a avenida de paralelepípedo com galhardia e frescor, não se importa com o barulho dos freios, o ranger das molas e a frouxidão dos pneus secos e débeis.

"Sorriso" é seu apelido e por nunca ouvir falar, quase ninguém sabe seu nome de nascença.

Essa criatura benfazeja mora em um homem grande, forte e bem alto. Feições bonitas, bigode bem pintado, cabelos penteados para trás, sapato surrado, camisa faltando botão, pé sem meia. Assim o amanhecer o encontra, já na beira no fogão.

Tão sensível jardineiro habita uma pequena casa ladeada por arame onde os cães não tem pedigree, o telhado de zinco espanta as pedras de granizo, as paredes foram pintadas de um azul guarani e o banheiro faz pouco recebeu a cobertura de distintos e sóbrios azulejos que se esparramam até o teto.

Apesar de seu cotidiano quase previsível, uma hecatombe atingiu seu pacato mundo interior. Foi quando se espalhou a notícia de que a prefeitura da cidade desistira de construir o posto de saúde da vila. Faltava lugar, não tinha onde pôr. Diante dessa escassez de terra, o prefeito construiria, sabe-se lá quando, em outra cercania.

Engavetaram-se os planos.

Burburinho a impedir o sono tranquilo dos girassóis e a sombrear coração tão nobre.

Não dormiu até encontrar saída. Amanheceu sereno, resolvido. Vaticinou com limpidez no olhar e sobriedade de alma: "- se é por causa de terreno vai ter posto de saúde no bairro".

Sem pestanejar, doou mais da metade do seu patrimônio à cidade. Entregou o lote que faz divisa com sua casa para a prefeitura.

Sem alarde e sem trombone.

E é lá que as crianças hão de receber vacina e os velhos consolo e remédio.

Pessoas de coragem, altivez e amor pela humanidade são as que marcam a vida da gente.

Em terra de gigantes, os titãs rendem homenagem ao Seu Mário.



LUÍS FRANCISCO FRANCO

Juiz de Direito da 4ª relatoria da
3ª Turma Recursal Cível.

PEDAÇO DE SI

Como de costume, naquele final de semana, recebeu a visita dos pais.

Domingo, amanheceu um dia lindo, então, convidou o pai para darem uma caminhada até a beira do rio.

Caminhava com frequência com o pai. Eram momentos em que os dois comungavam suas vitórias e derrotas.

Mas aquele domingo foi diferente.

Percebeu que o pai estava mais ensimesmado do que de costume, não mantinha o mesmo ritmo ao caminhar, dava umas paradas para respirar.

Quando chegaram à beira do rio, só os dois, visualizaram um menino pescando à sua margem.

O pai viu a cena e disse-lhe que se via naquele menino. Revelou que, quando pequeno, por várias vezes, comiam o que ele pescava. A família era pobre.

Mas o que mais lhe condoeu foi a revelação do pai que disse, com voz triste, que, como não tinha dinheiro para comprar anzóis, costumava fazê-los com alfinete.

Só então teve a dimensão de quão sofrida fora a vida do pai.

Ficou com pena dele.

Quando retornavam para casa, ainda no caminho, acharam uma ferradura, que o pai não deixou que jogasse fora, levou consigo e, ao chegar em casa, enterrou-a no jardim – disse que era para dar-lhe sorte.

Aquilo não lhe deixou uma sensação boa, achou estranho.

À tarde, despediu-se do pai e aguardou no portão que partisse, ficando a olhar o carro sumindo no horizonte. Nunca tinha feito aquilo.

Mal sabia, mas era a última vez que via o pai vivo.

Na quarta-feira, recebeu uma ligação telefônica. Do outro lado da linha, seu irmão, com a voz embargada, dava-lhe a notícia de que o pai havia morrido em um acidente.

Passou, então, a remoer cada segundo com ele vivido no fim de semana recém-passado.

Mas o que mais o marcou foi o fato de ter sabido que o pai não tinha dinheiro para comprar anzóis. Não tinha ideia das dificuldades que ele passara na infância.

Aquele homem sofrido sempre o recebia sorrindo e sabia o que estava a sentir.

Num simples olhar, percebia se estava bem ou mal.

Quando tocava as mãos do filho, sabia se estava estressado ou não.

Tinha um jeito meigo de acarinhar seus cabelos, passava a mão na parte de trás da cabeça, leve, dizendo com a mão: "Eu te amo, meu filho".

Lembra que, quando criança, seu pai não saía da cabeceira de sua cama sempre que ficava enfermo, nem trabalhar ele ia. Sofria mais que o doentinho.

Quando o irmão lhe deu a notícia de que ele havia morrido, sentiu uma dor sufocante, que quase não deixa a respiração fluir. Parecia que tinham arrancado um pedaço dele.

Lembrou-se da ferradura enterrada. Correu até o jardim para desenterrá-la, mas já era tarde.

Ele não era o mesmo, e a sorte lançada pelo pai naquela ferradura, mesmo que para ele sorrisse, não lhe traria, jamais, aquele pedaço que lhe arrancaram.

The book cover features a large, light gray diagonal shape on the right side, which serves as a background for the title. The left side of the cover is composed of several overlapping gray shapes. In the background, there are three distinct images: a calm sea under a cloudy sky at the top left, a row of stone arches in the bottom left, and a cluster of bare trees in the bottom right.

LUIZ ANTÔNIO CORTE REAL

Magistrado aposentado. Bacharelado em Filosofia pela PUC-RS. Ex-professor na faculdades de direito Ritter dos Reis e PUC-RS. Diretor Administrativo da AJURIS na gestão Milton Martins. Autor e executor do Projeto da Ajuris "Conselhos de Conciliação e Arbitramento", antecessores dos Juizados Especiais.

ESPELHO MEU...

– Meu fiel espelho, conhecemo-nos há tantos anos! E, no entanto, nunca trocamos uma palavra. Deveríamos ser parceiros, não é verdade? Mas não temos sido. Por que será que, estando tão próximos ficamos, até agora, tão distantes? O que nos está faltando? Nunca disseste nada para mim. Apenas me viste e ouviste silenciosamente. É certo que nunca tentei falar contigo. Até agora apenas via em ti minha imagem.

– Mas não seria tempo de nos conhecermos? Não apenas aquilo que nós vemos um no outro, mas aquilo que não aparece e que por isso suponho que ignores? Afinal, sempre estamos tão próximos!

– Lembras-te de mim quando criança? As caretas que fazia para vê-las em ti? Era divertido, não achas? Nunca me respondias, mas tu as mostravas em tua face. E trocávamos gostosas gargalhadas.

– Eu era aquele guri alegre, brincalhão, que ainda não havia me comprometido com a vida. Hoje, é verdade, estou mudado, mas ainda tenho um restinho da criança que gostava de se esconder de seus meus irmãos, de atirar água no gato preto que aparecia no quintal, de surrupiar as pitangas madurinhas da árvore do vizinho, de jogar bolitas na calçada e futebol no terreno baldio existente em frente à nossa casa. Tu, muitas vezes, participaste de minhas traquinagens. Tu também passaste, mais tarde, a ser um espectador de meus desconsolos, de minhas tristezas e indecisões, de meus momentos de rancor, de revolta, e de minha solidão. Mas retratavas, também, meus êxitos e alegrias. Igualmente testemunhaste as ocasiões importantes da minha vida. Estavas sempre presente quando eu vestia o melhor traje que possuía ou quando, diante de ti, arrumava a gravata colorida, preparando-me para um encontro importante. Eras quem aprovava meu terno novo, minha camisa bem passada, minha gravata alinhada, quando eu te perguntava: – Estou bem? Nunca

brigamos, nunca discutimos. Sempre concordaste comigo, mesmo quando eu estava errado. Apesar de tudo isso, por que apenas me olho em ti como se fosses um desconhecido?

– Será que, apesar de tudo isso, seja preciso apresentar-me a ti, explicar-te quem eu sou? Após tantos anos de convivência? Verdade é que tu nunca viste o que se passava longe de ti. Apenas me observavas quando estava eu na tua frente. Isso não seria, entretanto, suficiente para que conhecesses tudo o que eu era e o que eu sou?

– Descubro, surpreso, que, na realidade, conheceste-me muito bem. Observaste-me durante todo o tempo. E isso tu soubeste fazer, no teu silêncio. Além do que, sendo tu uma cópia minha, seria suficiente que te voltaste para ti mesmo para me descobrir. Assim nada resta que eu te possa dizer. Tu me conheces melhor do que eu.



MAFALDA DOS SANTOS

Mafalda dos Santos lançou quatro livros de
poemas, em vários lugares: Porto Alegre,
Novo Hamburgo, Gramado...

Poesia, para ela, é irmã da **Fotografia**.

Ambas as artes captam o instante.
Interiorizam o momento e o atiram para fora
em forma de **versos** e de **imagens**.

INDAGAÇÕES

Te descobri em teu cheiro
Nas mordidas em minha boca
Te senti (quase) por inteiro
Me deixando quase louca
Meu corpo? – Meu anseio –
Explodindo nos meus seios
Que acariciaste pouco a pouco
Num misto de desejo e receio
Teu desejo era claro, transparente
Fazendo-se presente em teus gemidos
Quando tua língua – em meu queixo –
Era uma vertente
Ah! Saliva: água/vida
Misturava-se com nossas línguas
Era, escandalosamente, por mim, absorvida
Tal qual uma andante, no deserto, à míngua
Fizeste que me sentisse mais mulher
Embora faltem passos a serem dados
Muita coisa a esquecer...
Quem sabe, continuaremos nos descobrindo
– Aos poucos – lado a lado
Na soma da amizade e do prazer?

ALERTA

Se ficas dormindo todo o dia
 Não verás a magia de um lindo sol
 Sorrindo a te procurar
 Perderás o pouco da natureza
 Que, ainda, resta neste lugar
 Se continuas a te espreguiçar
 Demorando um pouco para o alertar
 Não encontrarás quem te cumprimente
 E mais ausente irão te notar
 Se te levantas devagarinho
 Bem de mansinho, como a não querer
 Não verás uma rosa se abrindo
 Quem sabe, nem tempo de a ver morrer
 Se bocejas muito despreocupado
 Desprezando a hora do acordar
 Dificilmente, ficarás extasiado
 Com a gaivota a revoar
 Se dás o primeiro passo muito hesitante
 Sem saber qual o lado que irás fugir
 Nunca te deliciarás com a segurança
 De uma criança sempre a sorrir
 Se ficas irritado com a água fria
 Que te dá bom-dia, sem muita graça
 Só verás o dia com nostalgia
 De um tempo em ti, que há tempo passa...
 Enfrenta a luta – embora bruta –
 Não te aposentes do ser humano
 Vá com raça! Encara a vida!
 Dá uma sacudida, pouco custa
 E vai em frente, levanta o pano!



MAURÍCIO DA ROSA ÁVILA

Juiz de Direito.

ENTRE NÚMEROS

Habita a justiça entre números,
Ou nos perdemos da conta?

Separo, calculo, organizo,
E o metro do justo me escapa nas variáveis...

Ela tem um nome,
Mas seu rosto é um espectro:
Baço e esguio ente
Vagando por corredores abafados
Coalhados de angústia.

A Justiça, esta que inventamos:
Veio seco.
Não aplaca. Não alivia.
Não dessedenta.

A Justiça, a que não sabemos,
Escapa a recomendações.
É arisca às normativas.

Os que pensam retê-la
Esqueceram a gaiola aberta
E a ave fugiu.
Fugiu para a Vida.
Foi ter com o sol,
Com a chuva, as estrelas.

Fez ninho nas copas da simplicidade.
Voeja pelos céus

Dos corações puros que a conhecem,
Mas não sabem o seu nome.

Eu?!

Eu aqui com meus números...

Com alguns noves-fora,
Credito mais um ponto.
Alegro-me porque dei conta!
Dei conta do quê?
Dos números?!

Mas a Justiça habita entre números?

PEDIDO

A Herval

Numa tapera escondida,
Dentro da tarde invernial,
O dia beijou a noite
Por detrás do banhadal.

Foi uma paixão ligeira.
De inocência. Sem mau!
Que incendiou o poente
Pelas planuras do Herval.

Nem gritou o quero-quero.
Ficou silente o tajã.
– Não vou deixar pra amanhã,

Diz o noivo, casa comigo hoje mesmo!
Que da prata da crescente
Faço um anel pra o teu dedo.



MIGUEL ANTONIO JUCHEM



Magistrado aposentado (RGS). Advogado.
Psicoterapeuta Reencarnacionista.

FLORES

Sevem para os amores
 E para os louvores
 E também para as dores
 Tem agora até para os sabores
 Servem para enfeitar altar
 E também para homenagear no dia de finar
 Enfeitam os melhores momentos, em casas e apartamentos
 Também noivado e casamento
 E formatura, onde tem em fartura
 É um belo presente do nosso Criador presenteador
 De bela beleza, na janela ou na mesa
 Vai direto ao coração, cumprir a sua missão
 Até a artificial tem seu valor, como elemento enfeitador
 É sempre um agrado, tanto no olhado, no pintado, no gravado,
 no bordado, no fotografado e até no sonhado ou no só pensado
 Para o galanteador, é um elemento facilitador
 De igual beleza, com certeza, na riqueza como na pobreza
 Faz boa imagem também na tatuagem
 E na lapela ou na capela
 Quem não gosta de flor, tem algo mau em seu humor
 Toda flor posa toda prosa
 Buquê enviado é um dizer obrigado
 Quando vir a flor meio desmaiada, verificar se não é você
[a desanimada]
 A flor pode ser olhada, contemplada, admirada, tocada e cheirada
 Flor nem precisa ser tanta. Uma só já encanta
 E quando falamos com ela, ela fica mais bela
 Dizem que seu colher não lhe vai doer
 Tem flor para quem quiser, seja homem ou mulher

O florir é a vida colorir
No ambiente um floral, já se sente outro astral
Uma Floricultura parece uma partitura, onde os florais são
[as notas musicais
Toda flor possui a leveza da pureza
Uma flor nunca vai finir. Vai só o corpo largar para reflorar em
outro pomar, em outro corpo floral, assim como um reencarnar
Se bem não ficar onde colocar, é ela a falar que não é ali
[que quer ficar
O sorver do floral melhora muito mal, seja corporal, emocional
[ou espiritual
Flor tem alma, por isso ela nos acalma
Quem uma flor planta, o desamor desencanta
A flor vibra em linguagem de libra
Onde tem flor, tem algo de amor
Nos plurais dimensionais superiores, mais vibrantes são
[as cores das flores
Mas, afinal, qual a mais bela flor? A mais bela flor é a de
[qualquer cor.

PREVISÕES PARA O PRÓXIMO ANO (E para todos os próximos)

- Alguém vai para o além
- De lá também alguém vem
- Haverá quem vai enriquecer e quem vai empobrecer
- Terão dias de muito calor. Que horror!
- Terão dias de muito frio. Puta que pariu!
- Desastres haverão e não só de avião
- Muitos serão corneados com vastos ornados
- Casais se casarão, se acasalarão e se separarão
- Muita gente que não come vai morrer de fome
- Muitos OVNIS serão vistos nos céus. Oh céus!
- O salário mínimo continuará sendo mínimo
- Muitos amigos ficarão inimigos
- Na loteria alguém vai ganhar um dia
- Muito casal vai ficar de mal
- Aumentará o número de chatos natos
- O luar vai continuar a iluminar quem estiver a namorar
- O mar não vai secar. Pode é aumentar
- Haverá muita gente a lamentar porque as filas do SUS vão aumentar
- Vai ter muita roubalhada em obra superfaturada
- Haverá muito desmoroamento em obra com pouco cimento
- Vai ter bandido protegido
- Vai ter gente do mal enchendo o bernal e gente do bem sem um vintém
- Muitas pessoas magras engordarão e muitas gordas emagrecerão. Ou não!

- Os preços dos imóveis permanecerão bastante móveis
- O bebum vai continuar pedindo "mais um"
- Uns times de futebol vão se sair bem, outros também, mais outros nem tão bem
- Para a seleção não há previsão depois do fiasco com o time alemão
- Muitos irmãos viverão em fraterna desunião
- O fim do ano cairá no último dia do ano
- O dia primeiro de janeiro marcará o início do ano inteiro
- A moeda continuará em queda para ascensão do cartão
- Amantes serão flagrados em libidinosos agridos
- Haverá muitas perguntas sem resposta. Que bosta!
- Haverá também resposta que não se gosta. É outra bosta!
- Muitos ainda continuarão não se dando conta de que é nos olhando no espelho que veremos exposto o rosto do nosso maior encosto.



MIRELA RAMOS DE OLIVEIRA

Graduada em Letras pela PUCRS, leciona
literatura, mitologia grega, português
e francês em Santiago do Chile,
onde atualmente reside.

MACACOS SÁBIOS

Apaixonara-se pela paciente desde a primeira consulta.

Ele, psiquiatra de meia idade, consultório barato num edifício medíocre no centro da cidade. Fazia sua publicidade pela internet.

Ela, sofrendo de uma severa depressão, acabava de sair de um casamento conturbado. Sem família, sem filhos, e sem amigos. Os poucos que tinha, haviam seguido o ex-marido.

Depois da separação, sair de casa virara um problema: tinha ataques de pânico. Renunciara a qualquer saída. O rapaz da mercearia da esquina lhe entregava as compras e lhe pagava as contas.

Um dia, viu na internet, por acaso, o anúncio de um psiquiatra. Marcou consulta.

No dia D, atravessou a porta da casa e, com muito esforço, conseguiu andar até o táxi que a esperava.

Saindo da primeira consulta, já se sentia com mais coragem. Na segunda, o táxi diante de sua casa não lhe pareceu tão distante.

O médico parecia não ter nenhuma pressa em terminar a consulta. Escutava-a com atenção; parecia beber suas palavras. Ela, por sua vez, não se sentia muito à vontade na presença do doutor. Seus olhos verdes a incomodavam. E muito. Pareciam vazios.

Por um momento se distraiu. Seu pensamento fugiu da consulta. Ao contrário da maioria das mulheres, nunca havia gostado de homens de olhos verdes, não lhe inspiravam confiança. Nem amigos, nem namorados, nem mesmo artistas de cinema.

Do infiel marido, ficara a lembrança dos olhos cor de chocolate. Já os olhos do médico faziam que se lembrasse dos três macacos – último presente do marido. Três macacos sábios de jade que, segundo o marido, traziam harmonia e paz à casa, desde que não se olhasse para o mal, não se escutasse o mal, não se pronunciasse o mal. O ex-marido recorrera a um amuleto asiático como sua última

tentativa para salvar o casamento. Ela pusera, em vão, sua esperança nas três figuras grotescas. E verdes. De jade. De cor igual aos olhos do psiquiatra.

Este a notou distante e perguntou no que pensava. Falou só sobre os macacos de jade.

Começou com três sessões por semana, mas depois foi diminuindo. Seus olhos a amedrontavam.

Passou duas semanas sem aparecer no consultório psiquiátrico. Deixou um recado na secretária eletrônica, alegando estar gripada.

Num final de tarde, o médico apareceu em sua casa, sem avisar. Disse-lhe que não fazia parte de seus hábitos visitar nenhum paciente, sobretudo sem avisar, mas que se preocupava com ela, *tão sozinha sem ninguém com quem contar*.

Não gostou da intrusão. Sabia que não era ético de parte do médico ir vê-la. Acabou declarando sua paixão e pedindo que fosse embora e que não retornasse mais. Procuraria outro psiquiatra.

Ao sair, ele se virou e viu os macacos numa prateleira. Por segundos observou as figuras, estavam desalinhadas e isso o incomodou. Quando seu olhar se desviou das estatuetas, cruzou-se com o dela. Olhos duros de jade.

Ela não atendia mais o telefone, fechava as cortinas, para que, se ele passasse, não a visse. Queria que parecesse que tinha saído. Afinal para algo as sessões haviam servido.

Duas semanas após o ocorrido, terminou sua última consulta do dia, abriu o cofre e pegou um par de luvas de couro. Não era a primeira vez que as usava. Pegou um táxi e desceu três quadras antes. Quebrou o vidro da porta e abriu a maçaneta por dentro. Ouvindo o barulho, ela correu para a sala e se deparou com os dois olhos verdes. Verde-loucura. Tentou fugir, mas ele a agarrou por trás, pelo pescoço. Primeiro o afagou sensualmente, depois começou a apertar, cada vez mais forte. A última coisa que ela visualizou foi o trio de macacos. Três caricaturas do egoísmo e da indiferença.

Então ele se serviu de um copo de Martini e ficou sentado contemplando sua mais recente salvação. Já fazia quase um ano que

não salvava ninguém. A certeza da impunidade o levava a saborear o momento, sem pressa.

Lavou o copo, limpou com um pano de cozinha a porta, a mesa, os braços de madeira da poltrona, a garrafa. Acabava sempre por limpar mais do que devia.

Tirou as luvas grossas de couro para que mais fácil pudesse abrir a porta. Girou a maçaneta com o pano na mão. Quando ia sair, novamente viu os três macacos. Não pôde resistir. Era mais forte do que ele. Esqueceu o pano pendurado na maçaneta e foi alinhar meticulosamente as três figuras. Uma por uma, como se tivesse uma régua entre os dedos suados. Afastou-se, olhou satisfeito para o resultado e bateu a porta.

Em cima da prateleira, ficaram os três macacos. De sábios, passariam a ser justos.

MÔNICA
BECKER DAHLEM

QUANDO NADA FIZER SENTIDO

Quando nada fizer sentido

Procure algum lugar onde o mar, o rio, o lago possa ser visto de cima.

Abra a janela dessa casa na colina, abra os olhos na beira do penhasco, finque os pés na inclinação do morro, tenha o vento segurando as cordas e as cordas segurando o seu corpo.

Acima da imensidão da água.

Quando nada fizer sentido

Seja a nuvem que lânguida, suave e lenta, suspira sua sombra nas ondas ou marolas e deixa tatuado nas gotas o deslizar tranquilo de uma viagem que nunca acaba.

Seja a nuvem que aceita virar água para em seguida olhá-la de cima.

Quando nada fizer sentido

Seja o brilho do sol que ofusca e tinge de dourado todo azul, verde, marrom ou cinza.

More nas asas que sobrevoam e nos barcos que singram.

Namore o mistério do horizonte.

Perscrute os movimentos que não ousam espiar o ar.

Respire.

É preciso sentir para poder respirar.

The book cover features a diagonal split design. The upper-left portion shows a black and white photograph of a tree branch overhanging a body of water. The lower-left portion shows a black and white photograph of a river with a bridge and a boat. The right portion of the cover is a solid light gray. The title is centered in the gray area.

NEI PIRES MITIDIERO

Juiz de Direito estadual aposentado.
Advogado. *Autor de Comentários ao Código de
Trânsito Brasileiro - Direito de Trânsito e Direito
Administrativo de Trânsito* (2ª edição, Forense,
2005), *Crimes de Trânsito e Crimes de Circulação
Extratrânsito - Comentários à Parte Penal do CTB*
(Saraiva, 2015) e, no prelo, *Os Outros que miram
as Ruínas* (Contos do Alumiar), (Ficção).

GAIOZINHO

Eusébio morrera sozinho na cabana de toras de jacarandá, à margem do rio Camaquã.

Há 30 anos, quando tinha 40, o pescador negara-se a ir para a cidade com a mulher e seis filhos. Ficara nas beiradas do manancial que o vira nascer ali na vila do Paredão em Camaquã. Por nada deste mundo abandonaria o vilarejo. Como poderia viver longe dos paredões rochosos da outra margem do rio? Distante do rio da sua vida? Não, ele não ia! – dissera momentos antes da despedida.

Morrera sozinho!?

Nisso havia dúvidas.

Não poucas vezes, os matutos da vila ouviam-no aceso a deitar falação com alguém no interior da cabana. Havia mais alguém por lá. Eram vozes diferentes as que ouviam. Chegavam ao ponto de espiar lá para dentro, pelas frestas entre os tocos. Apuravam os ouvidos. As vozes silenciavam. Só viam Eusébio. Meio que se convenciam: – É, vai ver que o velho se passa lá no balcão do Alfredo, bebe algumas além da conta e fica a falar com ele mesmo, diziam. Podia ser.

O certo é que Eusébio se fora. Dali para outras paragens.

A lembrá-lo ficara a sua antiga cabana.

De início, logo após o passamento do pescador, não havia fim de semana em que alguém não a ocupasse. O pesqueiro era bom. O alojamento era limpo e arejado. Só que... pouco a pouco a cabana fora ficando tapera. Ninguém mais ia lá. Foi por causa do zum-zum-zum. Corria de boca em boca.

– Ele ainda estava lá, diziam. O velho se negava a sair da sua cabana de jacarandá. É que, de algum canto dela, volta e meia, aquela voz saía e invadia o local. – Tá bom pra pesca! – O rio está correndo pouco... as piavas tão saltando nas corredeiras! – Os dourados... à flor d'água, cada douradão que nem te falo! – Vamos, vamos logo!

Hoje vai dar muito peixe! Era aquela vozinha estridente que assim falava. Ora saída de um canto, ora de outro. E ninguém via quem é que falava.

Era o que acontecia. E, espavoridos, os visitantes saíam às pressas. Até deixavam suas coisas por lá. A cabana era mesmo assombrada. E aquilo corria solto pela região. Era mesmo assombração.

João Pedro não acreditava em tal ladainha.

E tinha seus motivos. Nem uma e nem duas vezes, o pai lhe falara de um certo Gaiozinho... falador que só ele... e que só falava em pescaria! Até sabia dos poços escondidos ali do Paredão. Mas mais ele não dera a conhecer do amigo. – Hum... a assombração só fala em pescaria... ficava desconfiado o filho mais velho de Eusébio. – Vou passar alguns dias lá na cabana!

Chegado à vila, deu-se o estardalhaço, a correria toda. Assim de repente, os locais se assustavam ao vê-lo. Com a barba crescida e já puxando à grisalha... era mesmo o Fantasma da Cabana quem, ao cair da noite, caminhava pelas vielas. Os mais broncos até disparavam dele. Era Eusébio que voltava do Outro Mundo...

– Não sei quem é. Nunca ouvi falar desse tal de Gaiozinho, respondia-lhe Alfredo, o dono do armazém da vila. – Mas tu tá que é o teu pai, guri, sem tirar e nem pôr, exclamava o vendeiro, aliviado ao saber que falava com João Pedro. – Não conheci, nunca vi. Lá na cabana eu não entro... de jeito nenhum... dizia-lhe um por um dos nativos.

O mistério perdurava. Crescia a fama de assombrada da cabana.

Nessa, na primeira noite, deitado no escuro, acordara-se sobressaltado e assustado com a vozinha esganiçada: – Tá na hora de pegar o barco! Tá clareando... hoje vai dar piava... e dourado dos grandes... – Tá tudo lá nas corredeiras! A voz vinha de todo canto. Ligara a luz. Só o silêncio pairava no ar. Não via ninguém.

Na madrugada seguinte, inquieto, João Pedro perscrutava o interior escuro da cabana. Acostumava os olhos, aguçava a escuta e... subitamente, quase inaudível, ligeiro, algo ou alguém rasgava o ar lá em cima, quase junto ao telhado ocre de barro. Na semiescuridão, já

então o filho de Eusébio subia pela tosca escada de madeira. Alcançava a platibanda do casebre. Com a lanterna iluminava-a toda e, ali, na platibanda, via... a criaturinha mais extraordinária e formosa que jamais vira... do tamanho de um beija-flor, as penas verdes com salpiques amarelados, a fronte avermelhada, o peito roxo, o biquinho curvo metade vermelho e metade amarelo, os olhinhos negros espertos a mirá-lo.

Era Gaiozinho.

O... papagaiozinho.

NUVEM PASSAGEIRA

Emiliano espiava o rio Uruguai correr.

Para além deste, avistava a argentina La Cruz. As poucas ruas. O casario antigo, baixo e branco. Rebentavam as primeiras luzes dos postes da cidadezinha.

Anoitecia e ele, do lado de cá do rio, avistava a casa de Layane. Desta, da chaminé dela, *uma por uma... brotavam as estrelinhas...** Só pensava nela, de quem, na noite passada, num destes enleios inesperados da fortuna, ganhara o riso espontâneo, o afago, o beijo esperado da mulher inesperada.

Deixara o rio e aproximava-se do bar El Caporal, ali defronte à Praça Central. Perto do antigo Theatro Prezewodowski. Do suntuoso e antigo grande teatro de Itaqui.

Layane já o esperava.

O lusco-fusco recém anunciava a noite. Por que não haveriam de respirar os ares cosmopolitas de Santa Maria da Boca do Monte, ali perto? Ele os antevia por lá, no Augusto's, no Ferroviário's. No Itaimbé Hotel, na cama dela. A noite prometia. Mal podia esperar pela andança das horas.

Ela resistira. Tinha enjoado do lugar, pelos anos que lá passara cursando agronomia. – Mas, vamos! Afinal, o galetto a primo canto do Augusto's e o velho tinto Jaguari são irrecusáveis, resoluto, dissera. Mas antigos fantasmas voltavam a povoar o seu mundo.

Já saindo do Augusto's, a Chevrolet S10 descia pela Avenida Rio Branco dos bancos de mármore e lampiões. Seguia para a Estação dos Trens, lá embaixo, no fim da avenida.

O Ferroviário's agitava-se. *Y todo a media luz...* Emiliano e Layane dançavam.

* Poesia: *Anoitecer. Em A cor do invisível*, Mario Quintana, *Poesia Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2006, p. 865.

Na madrugada, fugindo da fumaça, refugiavam-se na gare da velha Estação. Lá, o trem da noite não chegava. Não passava mais. Mas um elegante cavalheiro de paletó preto, usando camisa branca e gravata azul-marinho vinha lá do escuro fim do corredor da gare, e achegava-se. Seus olhos acampavam nos olhos verdes de Layane. Seus lábios recitavam paixão e saudade.

Era o Fantasma do Passado que voltava! – preocupava-se Emiliano, enquanto o galanteador se afastava e se perdia na escuridão dos trilhos.

– Era o Poeta Notívago da Estação, que, perdido de amores, por lá se perdera e por lá ficara esperando o trem da noite, de Itaquí, que não vinha mais, diziam-lhe vozes boêmias da cidade, já na saideira do balcão de mármore do Ferroviário's.

Pela manhã, na portaria do hotel, Emiliano e Layane mal se olhavam. Uma tormenta forte irrompera na calada da noite!?

Logo estando com ela. Logo com ele, que a queria como ninguém quis, que a desejava desde que a vira pela primeira vez, aquilo tinha que acontecer! Só que não tinha mais jeito. Nem tempo. Ele tinha que voltar para casa, para Bagé.

Voltava de ônibus.

Era nisso no que Emiliano pensava, enquanto o ônibus se lançava Serra de Caçapava abaixo. E em Layane, a quem perdera. Pois, naquele impiedoso fim de noite, na alcova do Itaimbé, ele só remanchara, remanchara e remanchara no entorno do corpo dela. Ela toda nua, e sua. E ele desgraçadamente... impotente.

Layane passava por Santiago. Absorta, perdia-se em sentimentos desencontrados. De perda e reencontro.

Na camionete, ao seu lado, de paletó preto, camisa branca e gravata azul-marinho seguia um elegante cavalheiro. O próprio.

E, na estrada, ela mirava o céu anilado de setembro e via passar, lentamente, uma nuvem passageira.

SOMBRAS DA NOITE DE ALBERGADO

Aos olhos paternos e dos fregueses da serraria do Joaquim, era operoso lenhador e hábil carpinteiro. Em dias de churrasco, o melhor carneador e assador do lugar.

A outros olhos, o rapaz desconcertava os moradores de Albergado: caminhava sereno e discreto pelas ruas e vielas da cidadezinha gaúcha, cumprimentava a todos, exibindo um sorriso angelical. Subitamente, desandava a correr que nem doido, parecendo fugir de algo ou de alguém, olhando para trás e para o alto, para os lados e para o alto, estancando a correria, ao final, em algum canto qualquer. E aí era outra a face que mostrava: a do medo, do horror e do desespero. Os olhos esbugalhados fitavam longe o vazio, mergulhavam no infinito. Ele todo, absorto.

Era assim o Osias carpinteiro, aos 22 anos. Namorava Malu, gu-ria bonita. Fora soldado. Até começar com as disparatadas corridas, era um jovem comum.

E comum ele já não era mais. Nem para Dona Helena, a mãe.

À mãe, devotava todo o afeto. Ao menor gesto, ela o tinha ao lado para o que desse e viesse. Parecia predestinado a fazer-lhe o bem. Mais, ainda, depois que Otávio fora embora. O irmão mais velho, envolvido com drogas, tinha ido para Porto Alegre. Brigado e ressentido com os pais, contra a vontade bandeara-se para a Capital. Não sem antes proferir juras de morte e jurar voltar. Ainda bem que não voltara e havia mais de ano não dava notícias – pensava Joaquim.

Helena preocupava-se com o filho carpinteiro.

Ainda que dócil e meigo, seu menino havia mudado depois que havia voltado do quartel. Não o vira mais sorrir nem sair com amigos, e com Maria Luíza rompera sem mais nem menos, se bem que

ela, como a própria Helena – e a esta confidenciara –, muito o estranhara de uns tempos para cá.

Tudo agora estava pior. Parecia-lhe outra pessoa, tomada por algum espírito ou enfeitiçada. Não que acreditasse nessas coisas. Mas o pavor, por vezes e por nada estampado no rosto do rapaz, levava-a às mais extravagantes suposições. A ver, a cada esquina, as bruxas do vilarejo.

As inesperadas correrias, a máscara do horror desesperado, o olhar perdido nas lonjuras a procurar não se sabia o quê, o pensamento inescrutável. Ela não atinava com o porquê daquilo tudo. Não sabia o que fazer. Osias a ouvia atentamente, mas nada dizia. Paciente, escutava-a. Depois saía a perambular solitário pelas ruas e estradas de chão da pacata Albergado.

E as desvairadas corridas voltavam aos caminhos de Albergado. Lá se ia o rapaz, estrada afora. Não havia jeito!

Aquilo não era normal – dizia Balduino aos amigos, na praça da igreja Matriz. Falava de Osias, ofegante e assustado, parado na esquina, o olhar lá para o fim do mundo. Tinha razão. Todos concordavam com o barbeiro da cidade.

Corria maio do ano 2000. E era como seguia a estranha vida do estranho Osias.

Estranha, também, e misteriosa era a sombra do vulto que, na casa verde-branca da família, esquivava-se pelas paredes do corredor, da ampla sala de estar, da cozinha e tudo o mais. Ia e vinha. Parava por instantes na frente da porta do quarto do casal. Relutava em adentrá-lo. Furtivo e impaciente, alguém andava pela casa. Ameaçador, por vezes levantava o machado ao ar prestes ao golpe. Numa certa madrugada, Joaquim o vira esgueirar-se pela parede e se levantara. Quem era ou o que era aquilo que se lançava às paredes, aos cantos da casa? Perscrutara em vão. E Osias? Nessa ocasião só o vira a dormir, sereno, em seu quarto.

Aquela sombra misteriosa e hostil tirava o sono do dono da serraria, que, volta e meia, imaginou-se a ouvir leves passos pela casa. Sim, trocava bolas, imaginou-se, porque sempre se levantara

e vistoriara, canto por canto, a moradia, a ninguém encontrando. E Osias? Só o vira a dormir.

Aos passos, logo Joaquim os deixou de ouvir. O estado emocional do rapaz, o comportamento bizarro dele o deixara sobressaltado. Era isso. Era o imaginário que aflorava.

Foi então que resolveu fechar um negócio, há algum tempo adiado, em Canela, por lá pernoitando. Saindo cedinho da manhã do hotel, cedo estava de volta a Albergado. Abriu a porta da casa e foi entrando. Mãe do Céu, Minha Nossa Senhora, o que é isto?! – gritava, fora de si. No assoalho, via o que nunca queria ter visto: o braço de Helena solto no chão, a aliança do casamento de trinta anos ainda no dedo da mão. O outro braço, as pernas, os pés, a cabeça, tudo espalhado pela casa. Helena fora esquarterada. Lá no fim do corredor, encostado na parede, estava Osias, de olhos arregalados, olhar parado. Ao seu lado, o machado ensanguentado!

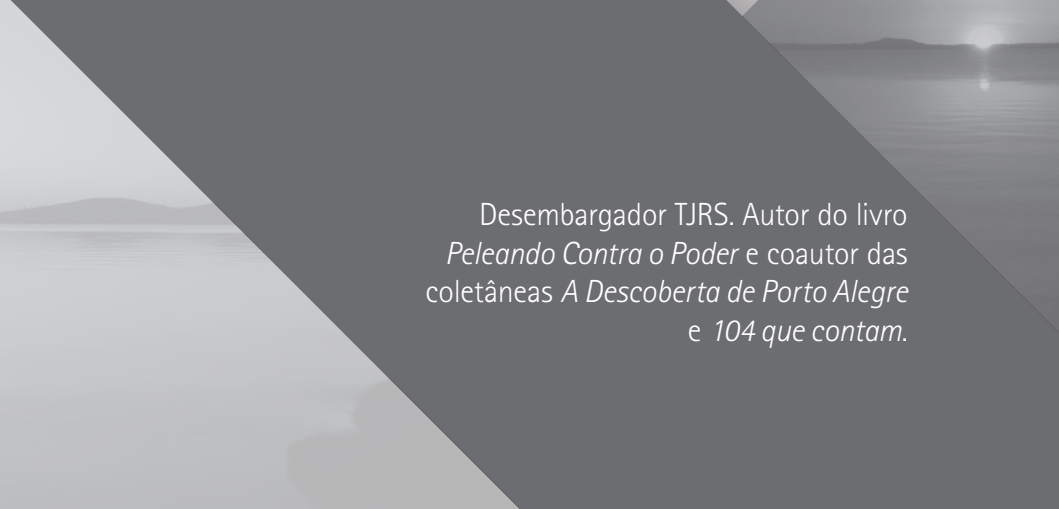
Não fui eu que a matei! Como é que eu ia matar a minha mãe-zinha, que era quem eu mais amava na vida? Não fui eu! Não a matei! O machado estava lá, atirado no chão, não o usei! – repetia Osias, aos prantos, na delegacia. Semanas depois, valendo-se de rasgados da cortina, enforcava-se numa cela do Instituto Psiquiátrico Forense.

É. Eu sabia. Osias havia enlouquecido – discursava Balduino, no domingo, à saída da missa. É verdade – todos assentiam.

O tempo passara. Solitário, Joaquim dorme na casa verde de janelas e portas brancas. Enquanto dorme, a tábua do alçapão do sótão se move lentamente. A corda cai. Na parede do corredor, a sombra de um vulto vai descendo, trazendo um machado às costas...



NEWTON LUÍS MEDEIROS FABRÍCIO



Desembargador TJRS. Autor do livro
Peleando Contra o Poder e coautor das
coletâneas *A Descoberta de Porto Alegre*
e *104 que contam*.

A SABEDORIA DOS GREGOS. A LIBERDADE. O MESTRE.

"Eu sou Ciro, rei do mundo, grande rei, rei legítimo, rei de Babilônia, rei da Suméria e de Acade, rei das quatro extremidades, filho de Cambises, grande rei, rei de Anzã,... descendente de Teíspes... de uma família [que] sempre [exerceu] a realeza"*.

Após o Rei persa Ciro II, o Grande, vencer o Rei Creso, da Lídia, (aproximadamente, em 546 a.C.), as cidades gregas da Jônia (litoral da atual Turquia) passaram ao domínio persa. Em função disso, Ciro recebe uma visita. Eram embaixadores lá do outro lado do mundo de então, de uma pequena cidade. Ciro estranhou aquela gente, que falava de um "modo brusco, grosseiro, rude"**. Estranhou ainda mais quando eles disseram ao grande Rei estas palavras:

– "Deveis deixar em paz as cidades dos jônios; senão, responderéis aos que nos enviaram, os espartanos".

Ciro, surpreso com a empáfia daquela gente sem poder – e até insignificante, aos seus olhos – chamou um criado jônio e perguntou-lhe:

– "Quem são esses espartanos"?

Passam os anos. Ciro – o maior de todos os reis, segundo o ateniense Xenofonte – morreu, e também o seu filho, Cambises II, que também reinou. O impostor Gautama exerce o poder por poucos meses e é deposto por um golpe. Assume Dario, que, a exemplo de Ciro, exerce o poder com sabedoria e tolerância (nos termos da época). No entanto, a partir de 499 a. C., as cidades gregas da Jônia, posteriormente apoiadas por Atenas e Erétria, tentaram se libertar do domínio persa, promovendo revoltas.

* Declaração contida no Cilindro de Ciro, no Museu Britânico.

** "Fogo Persa", Tom Holland, pág. 89.

As sucessivas rebeliões em seus domínios levaram o Rei Dario I à ofensiva contra as cidades-estado gregas revoltosas, pois, além da insatisfação destas contra os tiranos indicados pela Pérsia para governá-las, estava em jogo o controle do comércio marítimo na região. As cidades rebeldes foram, enfim, vencidas, mas Dario não perdoaria jamais Atenas e Erétria pelo apoio militar àquelas, sobretudo depois que soube que Sardes ardia em chamas. Desde então, todos os dias, um servo, quando Dario sentasse à mesa para cear, tinha de dizer aos seus ouvidos: "Meu senhor, lembre-se dos atenienses".

Em 490 a.C. o Rei da Pérsia decidiu enviar à Grécia continental uma expedição punitiva. Erétria foi, então, arrasada, mas os atenienses conseguiram vencer o exército enviado por Dario, na famosa batalha ocorrida na planície de Maratona, perdendo apenas 192 guerreiros, contra cerca de 6.400 persas.

Coube a seu filho, Xerxes, dez anos depois, em 480 a.C., cumprir a palavra de seu pai. Comandando o mais poderoso exército que já fora formado, o rei persa determinou que uma ponte fosse criada sobre o mar, ligando a Ásia à Europa. E assim foi feito por seus engenheiros, no Helesponto, para a travessia de suas tropas. Porém, mal tinha sido terminada, uma tempestade a destruiu. Xerxes não só ordenou a decapitação dos que a construíram, como que o mar fosse açoitado e que ouvisse estas palavras:

– "Curso d'água salgado e amargo, seu mestre determina esta punição por ferir a ele, homem que jamais o feriu. Mas Xerxes, o Rei, atravessará estas águas, com ou sem sua permissão"***.

Xerxes, então, mandou que fossem criadas duas pontes sobre o mar – e assim foi feito. Durante 7 dias e 7 noites, as tropas fizeram a travessia, "sob a força dos chicotes" (Heródoto, "Histórias"), pois Xerxes havia "construído uma estrada sobre o mar e atravessado com seus navios sobre a terra" (orador ateniense Lísias, citado por Anthony Pagden).

*** "Mundos em Guerra", Anthony Pagden, pág. 51.

Com a sua imensa frota de 1.207 trirremes (cada qual com cerca de 200 homens, dos quais 170 remadores), agora ancorados nas águas da Europa, Xerxes chama o espartano exilado Demarato, que se unira aos persas para se vingar dos seus compatriotas. Em pé, diante de seu gigantesco exército, Xerxes pergunta a Demarato se os gregos ousariam enfrentá-lo. O espartano, então, responde que "os gregos podem não dispor da riqueza dos persas, mas têm de sobra o que os riquíssimos persas não possuem: a força e a coragem que vêm de sua liberdade. Mesmo que os espartanos fossem reduzidos a mil homens, aquele milhar ainda assim enfrentaria o gigantesco exército persa" ("Mundos em Guerra", citando Heródoto, "Histórias"). Xerxes riu. E perguntou:

– "Como poderiam mil homens, ou dez mil, ou até mesmo cinquenta mil homens enfrentar um exército tão grande como o meu – especialmente quando não estão sob um único comando?"

Demarato, em resposta, explica a verdadeira natureza da força grega:

– "Os gregos são, de fato, livres, mas não inteiramente. Eles têm um mestre, e seu mestre é a Lei. Eles temem a Lei muito mais do que seus súditos a ti, ó, poderoso Xerxes"****.

**** Heródoto, "Histórias", apud "Fogo Persa", de Tom Holland, pág. 53, e "Ética", de Fábio Konder Comparato, pág. 62, com pequenas discrepâncias de tradução.

TOSCA E RUDE

De quando em vez,
se despilcham
da minha alma missioneira,
tosca e rude,
versos desgarrados
de algum rincão,
perdido na memória.

São os atavismos da terra,
a força telúrica das coxilhas,
a desprender a presilha dos sentimentos
frente ao minuano ou ao fogo, no galpão.

Saudade, memória ou esquecimento,
vã ilusão de realidade?
O verso se perdeu;
a vida, não.



ROSANE RAMOS DE OLIVEIRA MICHELS

Graduada em Direito e Filosofia. Magistrada no RS.

MEIO ABRAÇO

Iniciando seus primeiros passos, num caminhar saltitante, sorriso aberto, atreveu-se a criança a uma corrida até o pai que o agarrou com um dos braços. O outro, bem esticado, cuidadosamente evitava tocá-lo com o cigarro.

Essa cena, presenciada na praça defronte à Prefeitura, onde estava, trouxe à memória de Onofre sua própria estória de vida.

O vício de fumar, indesejadamente compartilhado, acompanhou-o desde a infância. Agora, na maturidade, começara a afetar gravemente a sua saúde.

Guardava na lembrança a imagem do pai sempre a ampará-lo com um só braço, a conduzi-lo com uma das mãos, segurando com a outra o cigarro. A fumaça fazia lacrimejar seus olhos e deixava-o enjoado. Dizia: papai, quando eu crescer, não vou fumar.

Com o tempo, porém, acostumou-se com a fumaça e com o cheiro do cigarro que se tornou referência do próprio pai, parte do seu cheiro e da segurança que ele transmitia.

Levou-o à inevitável curiosidade de experimentar o sabor do cigarro.

Não demorou muito, tornou-se um hábito fumar nas festas e, logo depois, em todo lugar. Era a demonstração perfeita de que havia se tornado adulto. Seguiu o modelo do pai. A referência tornara-se o próprio sentido de viver.

Absorto, em suas recordações, aguardava na fila sem perceber o cigarro queimando. Assustou-se com a cinza caindo na lapela. Ao rebuscar o passado, esquecera o cigarro na boca, como que incensando as lembranças.

A saga do vício, de forma ainda mais grave, repetiu-se com seu único filho. Levou-o às drogas.

Pedro Onofre havia saído pelo mundo e vivia agora no país vizinho, onde a maconha era liberada. Apesar da distância, sua partida

libertara Onofre de um medo que o atormentava, cotidianamente. Temia fosse seu filho flagrado com droga e preso. Preferia que ficasse por lá.

Veio-lhe à mente a imagem do filho, ainda pequeno, pedindo-lhe que parasse de fumar. Era determinado e não tinha receio de falar com os mais velhos. Pessoalmente, faltou-lhe coragem de fazer o mesmo pedido a seu pai.

Quem sabe, outra teria sido a sua vida, se naquela época já se divulgassem os malefícios do cigarro. Talvez fumasse hoje apenas uma carteira por dia, ao invés de quatro. Talvez não precisasse conviver com seu enfisema pulmonar. Talvez seu filho não tivesse caído nas drogas. Talvez sua virilidade não tivesse lhe faltado tão precocemente. Talvez dormisse melhor. Talvez tivesse recebido abraços de seu pai.

Completara sessenta anos com a sensação de nada ter realizado na vida.

Não possuía casa própria, não tinha emprego fixo, não fazia sequer um trabalho de que gostasse.

Embora ali estivesse prestes a receber a carteira que lhe daria direito a usar ônibus sem pagar, não podia considerar isto um sinal de melhora. Nem pretendia comemorar o benefício. Pelo contrário, essa mudança de *status* o perturbava.

Julgava-se um fracassado. Nenhum sentido havia em envelhecer. Não vislumbrava futuro na velhice. Via o tempo rapidamente dissipar-se à sua frente, tal qual a fumaça de seu cigarro. Mais alguns anos, era só o que lhe restava. O jeito era prosseguir, sem motivação, sem esperança, sem alimentar saudades.

De tudo, em toda a sua vida, o que mais lhe doía era nunca ter recebido nem mesmo um meio abraço do pai.



SABRINA NUNES DALBELO

Escritora e servidora pública do Ministério Público Federal, reside em Bento Gonçalves/RS. Escreve sobre tudo um pouco e a qualquer momento, logo que bate a inspiração. Facebook: *Se Tem Nome Existe e Pensamento sem Moldura.*
Aluna da ESM/AJURIS em 2002.

TEORIA DA RELATIVIDADE DAS COISAS

Trocar de amor não significa desistência
O casamento não é mera persistência
Um rosto maquiado não indica tempo de sobra para
[emperquitamentos
Um vestido curto pode não ser para suportar calor
Cabelos loiros encaracolados não são próprios dos anjos
E a careca de alguém pode não ser fruto do passar do tempo
Uma letra feia pode não ser por desleixo
E a fala enrolada pode não ser de vergonha
Comprar uma cesta básica não indica pobreza
Guardar pó em casa não é por falta de higiene
O brilho não assina o luxo
Nem todo resíduo é considerado lixo
A amêndoa pode não estar doce
A moça sorridente pode não estar à vontade
Carro zero não indica que a garagem é grande
Ter uma bíblia embaixo do braço não santifica ninguém
Fazer rir não é exclusividade do palhaço
Fazer chorar não é só para o velório
Abrir as asas não é prerrogativa das borboletas
Nem toda a estátua está cem por cento imóvel
Rolar não é para a bola
Balançar não é para os quadris
Cair não é para os cabelos
Subir não é para os preços...
não exclusivamente.

The background features a collage of three grayscale images: a sea at the top, a classical archway at the bottom left, and a rocky landscape with trees at the bottom right. These images are partially covered by large, diagonal, semi-transparent geometric shapes in shades of gray and white.

TÚLIO DE OLIVEIRA MARTINS

Desembargador, escritor e jornalista. Presidente do
Conselho de Comunicação Social do TJRS.
Coautor do livro *Português para convencer*.
Criador do site www.tuliomartins.com dedicado
a matérias culturais e de comportamento.

OS CAMINHOS DO HOMEM CORDIAL

O brasileiro cordial não é gentil, mas sim emotivo. A palavra vem de *cordis*, ou seja, daquilo que se refere ao coração e, também, ao afeto. Esta é parte da tese de "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Hollanda (escrito em 1936), em que ele argumenta que aqui o povo age movido pelo coração e pelos sentimentos, e não pela razão e pelas leis. Desta forma, sua sociabilidade (que palavra!) é apenas aparente, já que persegue interesses meramente individuais.

Assim a escolha por um ou outro comportamento ou liderança se define pelo bem-querer e por uma amizade que já existe ou que – pior – ele deseja conquistar. Este é o critério do homem cordial, que não tem nenhuma dificuldade em transgredir as normas caso se veja emocionalmente justificado a fazê-lo.

Daí se originam diversas características do brasileiro mediano: individualista, avesso à hierarquia, incapaz de ser pessoalmente disciplinado e desobediente às regras.

Na rotina das relações sociais, uma consequência é o paternalismo; este indivíduo não hesita em esperar que o Estado – que considera como uma ampliação do círculo familiar e de amigos – o proveja com tudo que precisa. Esta é uma das razões de tantas leis e estatutos na vida nacional protegendo e favorecendo inúmeros grupos e com tanta amplitude que ao final acabam por não beneficiar sequer os que de fato precisam. Também é a justificativa do empregador que, ao invés de cumprir suas obrigações trabalhistas e remunerar corretamente o empregado, o seduz com presentes e mimos.

Igualmente vem daí a incapacidade nacional em cumprir contratos, especialmente aqueles que envolvem o poder público. Afinal,

para quem confunde Estado com família, nada mais previsível do que a tolerância de pais e mães simbólicos.

A disciplina como um valor em si e também como ferramenta indispensável para alcançar o sucesso é vista com indisfarçável desprezo, como algo reservado para indivíduos sem criatividade ou imaginação. O homem cordial acredita em improvisação, sorte, benefícios e "jeitinhos"; o trapaceiro é visto com admiração e até certa reverência. Afinal, vence na vida sem fazer força e prospera sem trabalhar.

Da mesma forma é a brandura quase carinhosa com que as leis penais (feitas pelos representantes do povo) tratam criminosos de toda ordem; as penas são baixas, as progressões de regime são facilímas e a certeza da punição – que inibe o crime – virtualmente não existe.

Tais desdobramentos na sociedade são, paradoxalmente, lamentados pelo homem cordial, que acaba sendo vítima de sua própria fraqueza moral. O contrato descumprido em seu desfavor, o paternalismo que eventualmente o exclui em benefício de outro protegido pelo poderoso, o crime no qual é vítima e que resta impune e o favorecimento que beneficia outro amigo do rei são todos efeitos colaterais previsíveis. Mesmo assim, o homem cordial se exclama, lamenta e exige uma justiça (em sentido amplo) que ele mesmo ajudou a frustrar; depois segue em frente, à espera de que a fortuna finalmente caia dos céus.

Mas, se tiver algum poder nas mãos, o homem cordial imediatamente recomeçará seu caminho de pequenas espertezas, aplicando a velha cartilha do favorecimento: para os amigos tudo e para os inimigos a lei!

Porém, se as coisas ficarem difíceis, para os amigos tudo e para os inimigos os rigores da lei!

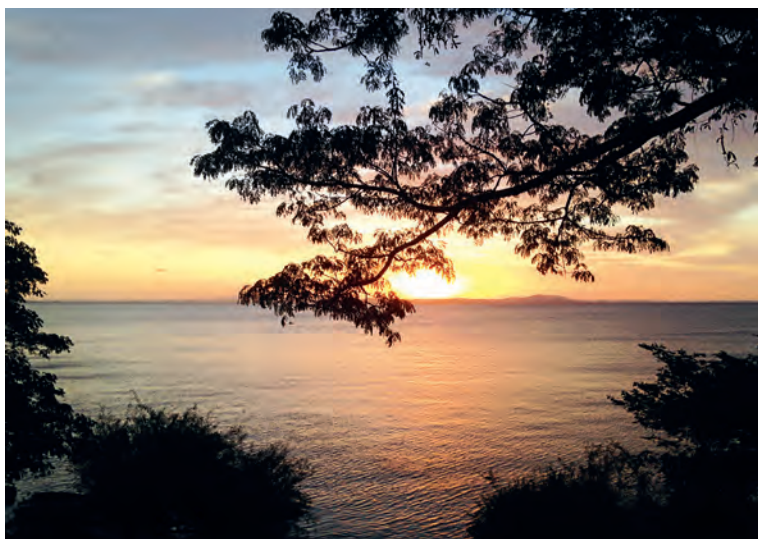
E, se a crise se instalar para valer, a solução do homem cordial será simples: para os amigos tudo, para os inimigos nem a lei.



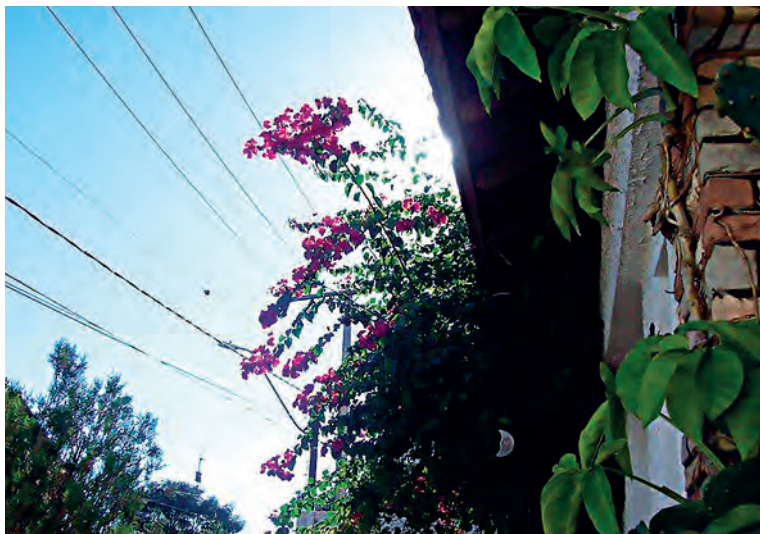
CADERNO DE FOTOS



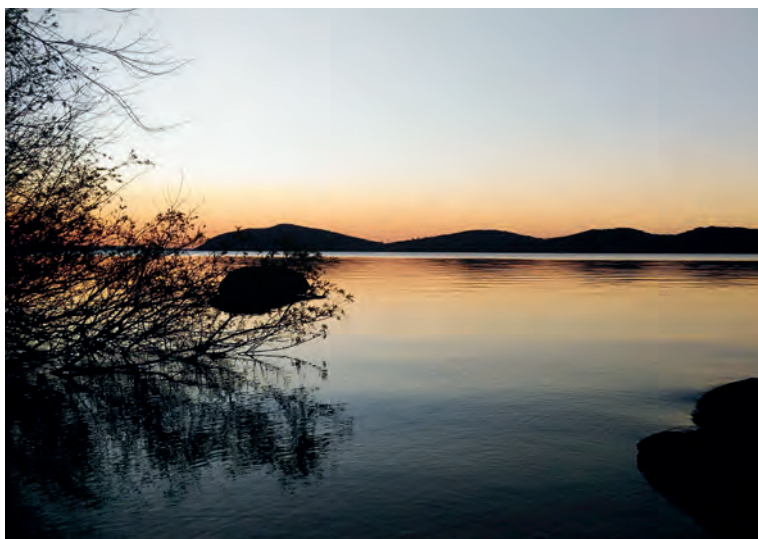
Breno Beutler Júnior



José Darci Pereira Soares



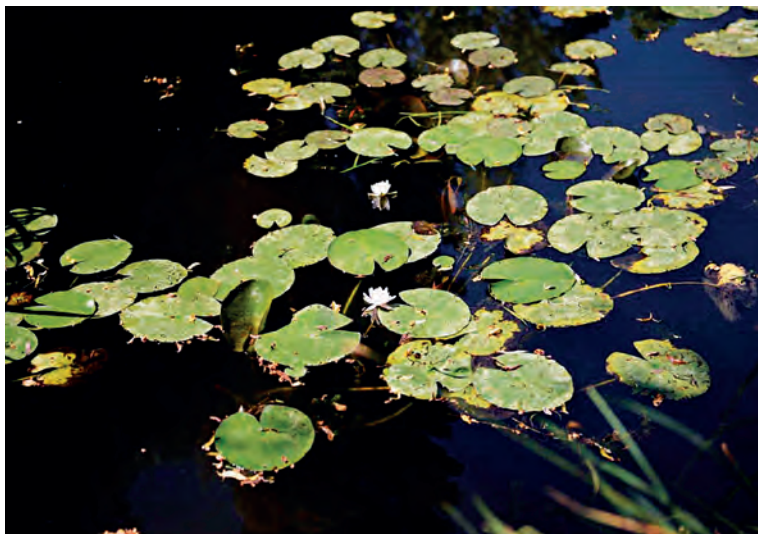
Genacéia da Silva Alberton



Gustavo Rodrigues



Luciana Bertoni Tieppo



Milton Moojen



Nelo Presser

Este livro foi composto nas fontes Aspergit e Rotis SansSerif Sts
e impresso no papel Polen 90g/m² e Couché Brilho 115 g/m² na Gráfica Pallotti.



Patrocínio

